

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

PEDRO VAGNER SILVA OLIVEIRA

CORRENDO NA VELA: experiências e modos de vida de trabalhadores do
Delta do Parnaíba (1975-2014)

Parnaíba - PI
2014

PEDRO VAGNER SILVA OLIVEIRA

CORRENDO NA VELA: experiências e modos de vida dos trabalhadores do
Delta do Parnaíba (1975-2014)

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

Parnaíba – PI
2014

O48c

Oliveira, Pedro Vagner Silva

Correndo na vela: experiências e modos de vida de trabalhadores do delta do Parnaíba (1975-2014) / Pedro Vagner Silva Oliveira.- Parnaíba: UESPI, 2014.

98 f. : il.

Orientador: Dr. Edson Holanda Lima Barbosa

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, 2013.

1. Delta do Parnaíba 2. Trabalhadores 3. Turismo 4. Representação
I. Barboza, Edson Holanda Lima II. Universidade Estadual do Piauí
III. Título

CDD 306.3

PEDRO VAGNER SILVA OLIVEIRA

CORRENDO NA VELA: experiências e modos de vida dos trabalhadores do
Delta do Parnaíba (1975-2014)

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura Plena em História, à
banca examinadora da Universidade
Estadual do Piauí. Sob a orientação do Prof.
Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza- Orientador

Prof^a. Dr^a. Marta Gouveia de Oliveira Rovai

Prof. Ms. André Aguiar Nogueira

Dedico aos meus pais e aos meus irmãos,
incentivadores que muito me ajudaram.
Dedico ainda aos colaboradores que tanto
contribuíram para a construção e feitura
deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais pelo total apoio e dedicação que sempre me tiveram, principalmente nessa etapa da graduação. Sem o estímulo de vocês e a força que me deram e continuam dando, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Obrigado aos meus amigos do Ensino Médio: Tatyara, Letícia, Ana Elisa, Carla, Thamara, Mayra e amigo-irmão Júnior, vocês me conheciam por completo e sempre acreditaram em mim, me motivando a seguir essa carreira. Ao amigo Douglas, que tanto me deu força num período turbulento da minha vida, tanto acadêmica, quanto pessoal, muito obrigado pelo apoio e incentivo.

Aos amigos da turma de História 2010.2 e de outras turmas, que posteriormente se juntaram a nós – Suzana, Izael, Naira, João Victor, Juliana, Fabiano, Cristiane, Fábio, Natasha, Feliciano, Gustavo, Láila, Bruno, Rogério, Thiara e Josemar – esses quatro anos foram bem mais agradáveis, proveitosos e divertidos ao lado de todos vocês, obrigado. Agradeço também aos companheiros das outras turmas de História, Priscila, Ailton, Luma, Josinete, Nazaré(Nazinha), Iralice, Jaciara, Marlane e Vânia, pelos bons momentos e contribuições ao longo da graduação. Aos colegas do grupo de pesquisa: Edes, Francisca (Mara), Flora, Gabriela, Thalita, Guilherme e Wellington, muito obrigado pelo apoio, pelas transcrições cedidas e discussões.

À amiga e colega do curso de História, Luana, sem sua ajuda com a triagem dos colaboradores; suas conversas sobre o lugar e seus familiares, alguns deles que gentilmente me cederam entrevistas, este trabalho ficaria mais difícil de ser construído. Aos companheiros do PIBID de História, no qual tive o prazer de ser monitor do CEMTI Lima Rebelo – Francideia, Alice e Quéren. Maravilhoso e intenso o pouco tempo que passei com vocês.

À professora e amiga Marta Rovai, pelos conselhos e palavras de apoio. Amizade forjada em meio às aulas na UESPI; discussões no grupo de pesquisa; narrativas e idas à Canárias, você tem uma participação gigantesca neste trabalho. Agradeço também à Professora Mara Paixão, por uma simples conversa quando eu fazia ainda o terceiro período; às vezes a gente só precisa de um pouco de atenção, OBRIGADO por me notar.

Agradeço aos demais professores que tive o prazer de ser aluno ou monitor, Idelmar, Sérgio, Leandro, Dalva e Francisco Araújo. Importante ainda as discussões e ideias, do professor Edson Holanda, orientador que me deixava “livre” para escrever, auxiliando-me quando necessário. Sou grato também ao professor André Aguiar, pela sua contribuição no campo da História Ambiental e os diálogos sobre o trabalho. A todos os colaboradores que se disponibilizaram a narrar suas vidas e experiências, de todo coração, muito obrigado!

*Assim como as flores dirigem sua corola
para o sol, o passado, graças a um
misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se
para o sol que se levanta no céu da história.*

(Walter Benjamin)

RESUMO

Este estudo visa compreender as experiências e modos de vida de trabalhadores tradicionais do Delta do Parnaíba. O foco do trabalho é centrado em como essas experiências e modos de vida foram sendo produzidos ao longo dos anos de 1975 a 2014, verificando mudanças e permanências ambientais e/ou culturais. Indagando ainda de que maneira o território e os recursos naturais faziam parte do cotidiano desses indivíduos? Como eram as relações deles com o ambiente e com os demais sujeitos? Procurou-se entender para isso a cultura como elo entre essas pessoas e como formadora de significâncias do seu mundo. Buscou-se também investigar de que maneira as ilhas e seus habitantes eram imaginados e representados pelo continente. Para tecer essa narrativa, dialoguei com jornais da época que retratavam em algumas matérias as insulas e os ilhéus. A partir daí, conferiu-se como o território deltaico e seus habitantes eram representados pelo continente. Não obstante, utilizei-me da história oral de vida, visando compreender como eram as vidas dos trabalhadores insulares, a maneira que davam significados a ela, ao seu trabalho e ao lugar em que viviam.

PALAVRAS-CHAVE: Delta do Parnaíba, Trabalhadores, turismo, representação.

ABSTRACT

This study aims to understand the experiences and lifestyles of the traditional workers of Delta. The focus of the work is centered on how these experiences and ways of life were being produced over the years 1975 to 2014 and verifying changes environmental and / or cultural. Still wondering how the territory and natural resources were part of the daily lives of these individuals? How were their relationships with the environment and with other subjects? It was attempted to understand this culture as a link between those people and as forming significance of their world. We also attempted to investigate how the islands and their inhabitants were imagined and represented the continent. To aggregate this narrative, I dialogued with newspapers from the time that portrayed in some themes the islands and those who live on islands. Thereafter, it was verified how the territory and its inhabitants were represented by the continent. Nevertheless, I have used the oral history of life, as purpose to understand how were the lives of the island workers, the way they give importance to it, to their work, and the place in which they lived.

KEY WORDS: Parnaíba Delta, workers, tourism, representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ilhas que compõe o Delta do rio Parnaíba.....	21
Figura 2 – Mapa da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba.....	28
Figura 3 – Travessia do Igarapu, Parnaíba, meados do século XX.....	33
Figura 4 – Construção da ponte Simplício Dias (início da década de 1970).....	36
Figura 5 – Gráfico das atividades econômicas no Piauí por classificação de gênero.....	43
Figura 6 – Quadro de pesca dividido por água doce/salgada nas Ilhas das Canárias e Pedra do Sal.....	58
Figura 7 – Gráfico da produção pesqueira no litoral piauiense no ano de 1999.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA– Área de Proteção Ambiental

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação Ambiental

RESEX – Reserva Extrativista

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 CIDADE DE PARNAÍBA E DELTA DO RIO PARNAÍBA: NATUREZA, ESPAÇO E OCUPAÇÃO HUMANA.....	19
1.1As águas do Delta e sua gente.....	20
1.2Cidade de Parnaíba.....	29
1.3Comunidades tradicionais.....	37
2 OS RIOS, O MAR E OS QUE PESCAM LÁ FORA.....	46
2.1Pescadores do rio.....	49
2.2 Comunidades da Pedra do Sal e Canárias.....	53
2.3 Pesca em Pedra do Sal e Canárias.....	56
2.4 Mar e seus perigos.....	62
3 INDUSTRIA SEM CHAMINÉS: TURISMO E RESSIGNIFICAÇÃO DO DELTA DO PARNAÍBA.....	70
3.1 Turismo, Parnaíba e Delta: ressignificações e representações.....	71
3.2 Turismo e tensões socioambientais.....	83
3.3 Impactos ambientais.....	86
CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS.....	92

INTRODUÇÃO

O título pouco ilustrativo à primeira vista foi escolhido para valorizar a fala dos sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. “Correndo na vela”, “correndo à vela” ou “velando” são expressões que os entrevistados usam para dizer velejando, referindo-se a uma prática cotidiana e fundamental em suas vidas. As pessoas que habitavam ou habitam as várias ilhas que compõem o Delta do Parnaíba veem o mar, os rios e igarapés como caminhos. Esses meios de travessia e de comunicação líquidos são muito importantes em suas vidas.

Ao sair para outras ilhas, a fim de fazer suas roças, pescar e catar caranguejo, as pessoas vão, em suas canoas, “correndo na vela”. Ao adentrar a intimidade desses narradores, ouvir seus relatos e interferir em seu cotidiano com a minha presença e perguntas, alterei momentaneamente suas rotinas. Cada colaborador¹ parou o que estava fazendo e se mostrou à disposição para contar sua vida. Busco, portanto, valorizar as suas experiências, os seus modos de vida e suas narrativas. O título do trabalho procurou expressar o tom vital da fala coletiva, que constantemente se remeteu à vida no rio, local onde constroem os sentidos de suas vidas, suas sobrevivências e seus sonhos.

O tema tratando da vivência de pescadores e agricultores é ainda pouco estudado pela historiografia piauiense. O campus da UESPI de Parnaíba possui apenas uma monografia voltada para a espacialidade em questão², que tratou sobre os catadores de caranguejo, bem como suas memórias, mas não lidou com os pescadores e agricultores. Ao invés de abordar um tipo apenas de trabalhador, optei por ampliar os diferentes sujeitos e entrevista-los.

Sou um morador sazonal da Ilha Grande do Piauí, no entanto oriundo de Parnaíba. Os deslocamentos semanais para Ilha Grande e para o continente me fizeram perceber o

¹ Colaborador é um termo sugerido por José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) para diferenciar o entrevistado do depoente ou da característica de informante. Concordando com o autor, entende-se que o narrador não é mero informante, uma vez que de seu relato emergem sentidos, símbolos e projeções, mais do que informações factuais, assim como acredita-se que o processo de entrevista é dialógico, ou seja, construído pelas vozes, intenções e sentidos dados por pesquisador e entrevistado.

² Daniel Souza Braga. *Catadores de caranguejo do delta: história e memória (1960-2010)*. Monografia de História. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí, 2013.

imaginário que os moradores de cada lugar tinham dos outros. Neto de agricultores e pescadores vindos do Ceará e do Maranhão, a pluralidade de identidades que tive em casa, bem como os contatos com os moradores de ambos os territórios, foi uma oportunidade peculiar e privilegiada para a elaboração deste trabalho.

A pesquisa foi construída e desenvolvida abordando as experiências e os modos de vida dos trabalhadores tradicionais – homens, mulheres, crianças, jovens e idosos – do Delta do Parnaíba, que se utilizam dos solos, das matas e dos mangues das ilhas, dos rios, dos igarapés, das lagoas e do mar para constituírem suas vidas e seus sentidos. As apropriações materiais e simbólicas desses locais, bem como dos recursos naturais, marcaram as diversas comunidades que se espalham por cerca de 90 ilhas e ilhotas que compõem o recorte espacial do trabalho. Nesse amplo cenário geográfico, selecionei para pesquisa as duas maiores ilhas do Delta: Ilha Grande de Santa Isabel-PI e Ilha das Canárias-MA.

O território estudado é constituído por diversas ilhas de exuberante natureza. Quando se navega de barco ou em canoa, encontra-se nos caminhos fluviais, matas com várias espécies de vegetais que alimentam e servem de abrigo para grande variedade de animais. Junto ao reino vegetal, são encontrados ainda mamíferos, anfíbios, peixes, crustáceos, insetos, répteis e aves que formam um ecossistema variado e rico que dependem da flora para a perpetuação de suas espécies. Ao longo das paisagens pode-se encontrar dunas móveis e fixas; praias ainda virgens e mangues, assim como nas águas, também estão presentes ricas fauna e flora marinha e fluvial.

Em meio a esse lugar existem populações humanas que se apropriam da natureza e é perceptível que o meio ambiente influencia a cultura e os modos de vida dessas pessoas, que por sua vez alteram o lugar em que vivem continuamente e modificam o seu próprio cotidiano. Ao longo de seus relatos, ouvi sobre o modo como lidam com a natureza, usando as águas, os solos e os demais recursos naturais. Os entrevistados contam como conseguem, com técnicas e apetrechos pouco modernos, garantir o sustento de suas famílias.

As experiências narradas são marcadas por problemas ambientais ou fenômenos naturais que prejudicam a sua permanência no local ou pelas lembranças de “graças alcançadas” no mesmo lugar em que passam por necessidades. A ilha, o rio, a terra e o mar não apenas lhes sustentam, mas ajudam a produzir sentidos, individuais e coletivos, para

entender o mundo e seguir a vida, superando dificuldades e reforçando laços de solidariedade nas comunidades.

A motivação para esta pesquisa se deu ainda pela percepção de que é um exercício muito importante entender a maneira como os seres humanos lidam com seu meio e extraem dele sua leitura de mundo. A natureza, por meio da abordagem da História Ambiental, não deve ser pensada como apartada das sociedades humanas. As pessoas estão relacionadas com os meios naturais em que estão inseridos, de forma íntima, mesmo nas grandes cidades.

No Delta, os rios e o mar eram e ainda hoje são campos de pescadores que se lançam nas águas para conseguirem voltar para suas casas com o pescado. Os igarapés e mangues são para onde, principalmente as mulheres, rumam. Inicialmente, o mangue era fonte de recurso madeireiro e lugar provedor de alimentos de subsistência, pois o caranguejo retirado de lá, alimentava apenas os pescadores e roceiros. Essa função foi modificada anos mais tarde com o turismo. Ao longo dos anos, o crustáceo foi valorizado cada vez mais no Nordeste; os caranguejos do Delta começaram a ser fonte de renda e exportados para estados vizinhos.

O recorte temporal se deu por causa da maior disponibilidade de fontes e também devido a inauguração da Ponte Simplicio Dias em 1975. A memória dos colaboradores a partir dessa data, e as demais fontes utilizadas, apontaram para uma significativa melhoria nas vidas dos ilhéus, principalmente dos que moravam na Ilha de Santa Isabel. Com o limar do tempo, novas alterações sociais foram ocorrendo no Delta. Nos anos 1980 e 1990 a região virou atrativo de turistas vindos de vários lugares do Brasil e do mundo. Com a ECO-92³, houve a expansão da ideia do ecoturismo, contexto que evidenciou a importância do Delta, com suas várias ilhas, baías, rios, fauna e flora, um lugar privilegiado. Com o cenário natural de caráter paradisíaco, o lugar começou a atrair centenas de pessoas. Os moradores, que pouco conheciam sobre o lugar em que moravam, deixaram as roças e a pesca e se transformaram em barqueiros e caranguejeiros para levar os turistas para conhecerem o local. Por ser um trabalho de memória, e por essa ser pensada no presente, o

³ A Eco-92 foi uma conferência realizada pela Organização das Nações Unidas sobre o meio ambiente realizada no Rio de Janeiro. Ela reuniu representantes de cento e oito países com o fim de traçar metas e tomar medidas para diminuir a degradação ambiental, além de garantir a existência das gerações posteriores. Os debates giravam em torno de discussões como o desenvolvimento sustentável, modelo de crescimento econômico menos consumista e mais adequado ao equilíbrio ecológico.

recorte temporal trabalhado se estendeu até 2014. Uma vez que, ao longo das falas dos colaboradores, houveram diversas experiências ligadas com o momento em que estavam vivendo. Não obstante, a narrativa deles estava cheia de rupturas em seus costumes e subjetividades atuais, mas que repercutiam sempre no passado.

Usando os caminhos da História Oral, com o gênero de História de vida, penetrei nos cotidianos das comunidades de Ilha Grande e das Canárias e me inseri em seus mundos. As memórias vieram à tona quando me coloquei a disposição em ouvir as narrativas das várias pessoas entrevistadas, presentificando as lembranças sobre as transformações que o turismo trouxe para a comunidade. Deparei-me com as individualidades humanas, já que cada qual agia de forma diferente, mas suas narrativas compõem a memória coletiva, como defendeu Maurice Halbwachs (2006) ⁴.

Alguns mais dispostos a falar, configurando-se narradores natos, se sentiam bastante a vontade para contar suas experiências. Empolgados em suas performaces, eles relataram sobre perdas, costumes, relações e tensões familiares, transformações em suas vidas, alegrias, tristezas e arrependimentos. Outros, mais acanhados, foram tão importantes quanto àqueles que tinham maior facilidade em narrar. A fala meio pausada ou o tom vocal oscilante e desconfiado, juntamente com os silêncios e repetições, deram um significado a esta pesquisa. Revelaram possíveis traumas, medos e um conjunto de subjetividades e sentimentos presentes na experiência individual e coletiva, bem como os seus interesses políticos e pessoais.

Outro ponto a ser levado em consideração é também a memória social, como atesta Peter Burke (2000), para ele as memórias também têm caráter individual ligado às vivências individuais, bem como o lugar social de cada indivíduo. Com isso observei as disputas pela memória e seus conflitos. Ao longo das narrativas, percebi relatos correspondentes e dissonantes na memória coletiva dos pescadores e agricultores.

Realizei seis entrevistas individuais com diferentes indivíduos, foram homens e mulheres; jovens e idosos de três comunidades diferentes – Cal, Tatus e Pedra do Sal – da Ilha de Santa Isabel. Além dessas, duas foram adquiridas com uma colega de curso e outras

⁴ Para Maurice Halbwachs, toda memória individual é constituída e se refere à memória coletiva, construída por uma comunidade afetiva ou de destino. Ou seja, a memória individual é um ponto de vista, uma posição diante da coletividade. Mesmo que diga diferente, dialoga com um grupo que a antecede e lhe configura sua lembrança. “Nunca lembramos sós”, afirma Halbwachs.

nove foram feitas coletivamente, totalizando assim 15 entrevistas. Todas trataram de vivências, experiências e saberes dos pescadores e roceiros. As fontes orais permitiram compreender como os moradores do lugar veem seu território e suas atividades.

Além das fontes orais, foram utilizadas ainda fontes quantitativas, como censos do IBGE, e jornais, entre os quais o *Jornal Inovação de Parnaíba* e o *Folha do Litoral do Piauí*, além de fotos de alguns lugares da época e alguns textos contidos no anuário Almanaque da Parnaíba. Essas fontes possibilitaram analisar os discursos e as imagens que a população do continente construiu dos moradores das ilhas. Buscando perceber as mudanças imagéticas que a região sofreu ao longo dos anos, a partir de interesses privados e de estratégias do poder público.

Para fins didáticos, este trabalho foi dividido em três capítulos, contendo subdivisões. No primeiro capítulo, o Delta do rio Parnaíba é apresentado: sua formação, localização geográfica e ocupação humana; nele ainda foi abordada a cidade de Parnaíba e a ligação que ela tem historicamente com o Delta. Analisei como os parnaibanos representavam na imprensa e em ações do governo as visões sobre as ínsulas e seus moradores entre os anos de 1975 a 2014. As várias ilhas, até os idos de 1980, funcionavam como celeiros, tendo a função de prover Parnaíba com alimentos. Em contrapartida, era na cidade que os pescadores e lavradores vendiam seus produtos, mandavam os filhos para estudar ou trabalhar e recebiam assistência médica. Ainda na década de 2010, Parnaíba serve de acesso a serviços para os ilhéus. Por último, falo sobre os sujeitos dessa pesquisa, mostrando as realidades sociais, costumes, ocupações e vivências até o ano de 2014.

No segundo capítulo, há uma abordagem sobre os pescadores. Ao longo das entrevistas compreendi que existiam dois campos de pesca bem distintos no imaginário dos colaboradores. A pesca nos rios é realizada tanto pelos que se veem como pescadores, quanto pelos roceiros. A água doce para essas pessoas é bem menos perigosa do que a água salgada. A pesca marinha é vista pelos narradores, que entrevistei enquanto espaço de luta e de conquista, tanto de ganho quanto de perda. Analisei também as características e as maneiras como estes sujeitos se apropriam físico e simbolicamente das águas e do pescado.

O terceiro capítulo se relaciona com a temática do turismo e as mudanças socioeconômicas atestadas pelos jornais. Primeiramente tratei da ressignificação sobre o imaginário sobre o Nordeste, feita pela imprensa. A região nos anos 1980 começou a ser

pensada enquanto lugar de belezas naturais, praias, dunas e sol. Tentativa de “apagar” a imagem de seca e pobreza. Tal esforço foi encabeçado pelo Governo Federal, inspirado em modelos europeus. O turismo nos anos 1980 foi uma forma de atrair capital e dinamizar a região: o sol passou de castigador a atrativo, com suas regiões litorâneas de belas praias transformando-se em balneários. Alguns estados, principalmente o Ceará, largaram na frente e se beneficiaram com o fluxo de capital e as transformações sofridas.

No segundo tópico desse capítulo, demonstrei as transformações que as ilhas do Delta começaram a ter no imaginário da região, passando de celeiros para Parnaíba à importante setor econômico e turístico. Até a década de 1980 as várias ilhas que formavam o Delta do Parnaíba eram tratadas com descaso pelo poder público, como local de pobreza e miséria.

1. Cidade de Parnaíba e Delta do Rio Parnaíba: Geografia, espaço e ocupação humana.

*O rio encheu
A casa levou
Fiquei na pior
Sem beira
Nem eira*

*Agora o que será de mim?
Sem tapera
Sem os trens
A mulher buchuda
A filharada espalhada
A cachorrinha triste⁵ (...)*

Situado no Nordeste brasileiro, mais precisamente entre os estados do Piauí e Maranhão, há um rico ecossistema denominado Delta do Parnaíba. Constituído por inúmeros seres vivos e elementos minerais, essa região ao longo dos anos foi povoada historicamente por inúmeros indivíduos. Tremembés (nativos), brancos, negros e posteriormente seus descendentes se apropriaram do território e dos ricos recursos naturais.

Os indivíduos historicamente viviam da pesca, agricultura, pecuária e extrativismo animal e vegetal. Com a finalidade de delimitar o espaço temporal, na década de 1970, as pessoas que moravam nas várias insulas que formam o Delta, eram vistas como pobres e dependentes de Parnaíba. As ilhas nesse período eram lugares de mazelas e atraso social, essa representação foi divulgada nas páginas do *Jornal Inovação*.

Opondo-se à imagem ilheia de atraso e pobreza, Parnaíba era concebida no mesmo folhetim como uma cidade de grande potencial econômico. O saudosismo e o grande valor que os escritores do *Inovação* davam à parte continental do município serviam ainda mais para reforçar a dicotomia Parnaíba/Delta. Ao longo desse capítulo, a narrativa discorre sobre essa relação. Seja econômica seja simbólica, a cidade era tributária das ilhas. Denominado de “celeiros”, as ilhas alimentavam Parnaíba com seus produtos agrícolas, frutas e pescados.

⁵ Evandro Cunha. Eta rio danado. Cantinho dos poetas *IN Jornal Inovação*. Abril de 1980.

Ao passo que as insulas davam o provento ao continente, parece que pouco modificava na vida de vários trabalhadores que moravam no Delta. A pobreza, as poucas políticas públicas e os problemas sociais, governo após governo permaneciam. No entanto, a partir da construção e inauguração da ponte Simplício Dias, ligando Parnaíba (continente) à Ilha de Santa Isabel (parte insular de Parnaíba) no ano de 1975 e de uma estrada, é que as várias comunidades vão sendo dinamizadas e a população recebeu alguma melhoria.

Este capítulo visa esclarecer como se forma um Delta; analisar a constituição geográfica e humana do Delta do Parnaíba e a relação dele com Parnaíba. É abordado ainda a apropriação das comunidades tradicionais com os recursos naturais, as experiências e memórias dos indivíduos que trabalhavam para manter sua família e alimentar a cidade.

1.1 As águas do Delta do Parnaíba e sua gente

O rio Parnaíba nasce na chapada das Mangabeiras, no sul do Estado do Maranhão. Seu curso divide o Piauí do Maranhão servindo, portanto, de limite natural entre os dois estados. Após percorrer cerca de 1.450 km, desemboca no oceano Atlântico formando um fenômeno natural ímpar chamado de Delta.

Localizado no litoral do Nordeste Brasileiro, entre os estados do Piauí e do Maranhão, o Delta do rio Parnaíba é o único em mar aberto das Américas, compreendendo aproximadamente 1.485 km de extensão, e apresenta um ecossistema constituído por dunas, mangues, rios e perpassa cerca de 90 ilhas fluviais.

O acidente geográfico recebe este nome devido ao fato de que o rio Parnaíba, ao desembocar no Oceano Atlântico, forma cinco “bocas” ou “braços” dispostos na forma de um triângulo, lembrando a letra grega *Delta*, que recebem os nomes de Igarazu (única pertencente ao Piauí), Canárias, Caju, Melancia e Tutóia. O mapa a seguir ilustra o recorte espacial do rio bem como a sua localização entre os dois Estados.



Legenda: Ilhas que compõem o Delta do Rio Parnaíba⁶.

Ao observar o mapa pode-se ver as várias ilhas que compõem o Delta do rio Parnaíba. A cor rosa destaca a maior ilha do Delta com 240 km², em sua totalidade, equivalendo a 18% do litoral piauiense, denominada de Ilha Grande de Santa Isabel. Ela é uma ilha fluvial-marinha costeira e oceânica pertencente ao estado do Piauí. Depois de ser desmembrada politicamente de Parnaíba, no ano de 1994 – devido à distância da sede administrativa – formou um novo município, com uma área em torno de 134, 318 km².

A atual Ilha Grande do Piauí tem sua economia baseada na agricultura, no extrativismo animal (caranguejo) e no turismo. Lá se localiza o Porto dos Tatus, que dá acesso ao Delta, que é um dos principais pontos de turismo da pequena cidade. É do Porto dos Tatus que saem lanchas, barcos e rabetas⁷ carregando tanto turistas para conhecer as outras ilhas, quanto pescadores, roceiros, caranguejeiros e marisqueiras para o seu local de trabalho.

A Ilha das Canárias, ilustrada na cor amarelo, é a segunda maior do Delta, pertence ao estado do Maranhão e faz parte do município de Araíoses. É composta por cinco comunidades que se distribuem ao longo do território. A longa distância que a separa da sede do município a deixa isolada pela prefeitura e pela ação pública, segundo relatos dos

⁶ Fonte: <http://ilhadocaju.com.br/wp-content/uploads/2013/03/Imagem310.jpg>. Acessado em 05 de Julho de 2013.

⁷ Canoas providas de um motor, propiciando certo conforto e velocidade, uma vez que devido a este motor, o exercício de remar se torna desnecessário.

moradores, a ilha durante muito tempo não possuiu acesso à energia elétrica, implantada apenas em 2009.

Além dessas duas, encontram-se ainda as Ilhas do Caju, dos Poldros, do Guirindó, entre outras. Enfatizo apenas essas duas primeiras, devido ao seu maior número demográfico e tamanho. Vale lembrar ainda que 65% do Delta pertencem ao Maranhão, enquanto os outros 35% se localizam no território piauiense. Nem todas são de propriedade da União, algumas são de patrimônio privado⁸, entre elas as Ilhas das Batatas e Ilha do Igoronho. A Ilha do Caju também é particular, no entanto é uma Reserva Particular do Patrimônio Natural-RPPN⁹.

As maiores ilhas são compostas por diversas pequenas comunidades que vivem quase sempre esquecidas pelo poder público. Lembradas geralmente em períodos de eleições, alguns indícios apontam para o fato de que essas comunidades serviam como verdadeiros currais eleitorais. O *Jornal Inovação da Parnaíba*, em 1984, já chamava a atenção para isso:

A Ilha Grande de Santa Izabel é formada de diversas comunidades carentes, marginalizadas. Dentre elas situa-se os Morros da Mariana, a mais ampla. Seu povo, na maioria, é gente humilde. Na Hora do voto, suas urnas têm decidido a parada¹⁰.

Cada uma das pequenas comunidades apresentava realidades sociais distintas, entre 1975 e 2014, mas um aspecto em comum as ligava: o fato de serem apresentadas como lugares de miséria. A falta de atendimento por parte do serviço público e a exclusão eram apenas alguns dos problemas que os habitantes enfrentavam. O *Jornal Inovação* em uma matéria sobre os povoados Cal e Tatus, ambos localizados na Ilha de Santa Izabel, falava sobre essa pauperização:

Nossos dois povoados não são servidos satisfatoriamente em termos de assistência médica e social [...] A água (para uso doméstico e geral) é apanhada das cacimbas e de lagoas, obrigando dessa forma, às donas de

⁸IBAMA/CNPT *apud* MATTOS, Flávia Ferreira de. Reservas morais: estudo do modo de vida de uma comunidade na Reserva Extrativista do Delta do Parnaíba. Dissertação de mestrado, UFRRJ, Seropédica, 2006.

⁹Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação- SNUC, a RPPN é “uma área privada, gravada com perpetuidade, com o objetivo de conservar a diversidade biológica”.

¹⁰João Silva não atende a população: Morros da Mariana. *Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba. 1º Julho de 1984, p.7.

casa, muitas já idosas, a andarem pela areia frouxa com latas d'água na cabeça, cujas são agentes condutores de doenças¹¹.

Embora o jornal afirmasse que as “donas de casa” iam buscar água em cacimbas e lagoas, este também era um serviço realizado pelas crianças. Mesmo que não tivessem idade para ajudar os pais na roça ou no rio, eram “aproveitadas” para exercer pequenas atividades domésticas. Ainda hoje as irmãs mais velhas, com os seus oito ou sete anos de idade, cuidam de seus irmãos mais novos enquanto suas mães estão fora e ajudam em casa fazendo alguns trabalhos domésticos, desde varrer a casa até preparar o almoço.

Dona Zilmar é moradora do povoado Cal, bairro de Ilha Grande, onde nasceu e mora até hoje. Ela lembra que o lugar tinha poucas casas quando ela era pequena, assim como as demais comunidades das ilhas do Delta. Para ela sua infância “não foi essas coisas assim, lá muito legal”, isso “porque os pais da gente não tinham muitas condições”. Ela fala que seus pais trabalhavam e deixavam-na em casa tomando conta dos irmãos mais novos.

Eu ajudava minha mãe. Minha mãe trabalhava de costureira. Ela sempre gostou de costurar. Costurava muito bem! Ela saía para trabalhar. E ela não tinha a maquina em casa para costurar. A gente era pequena. Eu era a mais velha, tinha seis anos, sete anos por ai assim. Ai ela fazia o almoço. Dava o almoço para a gente. E a gente, que era mais velho ia cuidar das crianças até a hora dela chegar¹².

Cuidar de casa não era algo restrito apenas ao gênero feminino, pois os meninos também ajudavam em pequenas atividades domésticas:

Sempre trabalhei. Mas assim: eu estudava e trabalhava. Ajudava minha mãe em casa né?! Nas obrigações. Por que nós somos três filhos homens e as nossas condições na época não dava para a gente pagar uma pessoa para ajudar minha mãe. Eu e meus irmãos mais velhos. O meu trabalho era esse¹³.

¹¹Reginaldo Costa. Tatus e Cal – Povoados Unidos até no Abandono *IN Jornal Inovação de Parnaíba*. Parnaíba, Parnaíba. Setembro de 1979.

¹²Zilmar Ribeiro dos Santos, 60 anos, pescadora aposentada e dona de casa. Nascida no dia 19 de julho de 1953 no povoado Cal, na época município de Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira em 07 de Outubro de 2013.

¹³Francisco Antônio dos Santos Bittencourt. Guia turístico, 39 anos. Nascido em Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira em 10 de Novembro de 2013.

Sociedade machista e patriarcal, apegada à religiosidade, foi assim definida a família pelos colaboradores entrevistados. Os filhos deviam grande obediência aos seus pais, e as esposas aos seus maridos. Os meninos tinham maior liberdade, já as meninas eram vigiadas por seus pais, não poderiam nem mesmo – como afirmou Dona Lúcia Bittencourt – “sair para namorar”, ela ainda conclui.

As moças do meu tempo obedeciam os pais. O casamento era através dos pais. As moças não eram liberadas como hoje. Só saiam para as partes, para as novenas nos Morros. Nesse tempo só tinha novena nos Morros. Se por acaso elas fossem, só iam acompanhadas de senhoras de idade. Elas também tinham suas filhas, né?! Quando chegavam lá, iam assistir a novena e ficavam um pouquinho no festejo. Depois, elas vinham embora, as senhoras traziam as filhas delas e a das comadres, a dos vizinhos.

Uma das colaboradoras que chamou atenção pela sua narrativa foi dona Tutu. Ela nasceu e se criou no Cal, de onde nunca saiu:

Meus pais me privaram aqui. Nesse lugar. Eles não eram assim. Se eu arrumasse um serviço em Parnaíba, um serviço em Fortaleza ou em Teresina, eles liberavam, não! Não me deixavam ir. Eles não tinham condição, sabe?! Mas não deixavam sair, ta entendendo?! Sempre eu falo. Nasci, aqui, moro aqui e me criei aqui. Só que esse lugar aqui eu estou nele. Mas para a minha vida eu queria fazer para melhor. Só que não cheguei nessa posição que eu quis¹⁴.

O diálogo com essa colaboradora foi muito importante. Em suas palavras notei um grande sentimento de frustração devido à enorme vontade demonstrada de ter melhorado de vida, de ter saído do lugar pobre em que nascera e ir trabalhar fora para ajudar sua família. Subjetividade tão grande que quando ela narrava essa parte da sua vida, seus olhos ficavam marejados. Inúmeras vezes ela disse que se tivesse a oportunidade de ter saído de lá, sua vida seria bastante diferente da atual. Além desse sentimento que ela ainda carrega, vê-se o respeito e a autoridade que os pais exerciam na vida de seus filhos.

Um fenômeno que repercutiu e ainda hoje é muito vivo nas lembranças de parte dos moradores do bairro Cal, foi o incidente relacionado à morte de uma menina, cuja

¹⁴Maria de Jesus Sales da Rocha. Pescadora, 55 anos. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 16 de Junho de 2013 em 16 de Junho de 2013.

memória remete à dificuldade de sobrevivência na região. A criança foi buscar água em uma cacimba e o que era para ser uma atividade rotineira virou um fenômeno que mexeu bastante com os moradores locais: a criança caiu dentro da cacimba e morreu devido à queda. Logo nota-se que, além dos riscos à saúde, como o jornal Inovação indicava, as crianças estavam sob um risco ainda maior por sua fragilidade e falta de proteção.

Os trabalhadores de algumas comunidades do Delta demonstraram em suas histórias que não conseguiram contar com uma representação política ou entidade que lutasse pelos seus interesses. No caso dos trabalhadores rurais de Ilha Grande, não existia sindicato. Essa entidade surgiu somente em 1989, ao menos no lado piauiense. Um lavrador aposentado que entrevistei aponta que eles eram desvalorizados e não tinham quem olhasse por eles:

Naquele tempo. Tanto aqui (no Cal) como nos Morros da Mariana não tinha justiça para nada. Só tinha muita era vagabundagem e perversidade! A justiça ajudava os maiores. Não existia um homem. Não existia nenhum cidadão daqui do Piauí, da Parnaíba que desse valor ao trabalhador rural. Naquele tempo só existia desonestidade com o trabalhador rural. Não tinha sindicato. Não tinha juiz. Num tinha ninguém que desse “aprouvo”, aprovasse o trabalhador rural¹⁵.

O sindicato, quando surgiu, pouco fazia para os agricultores. As conquistas desses trabalhadores da terra, ao longo de sua história, foram atribuídas à luta espontânea da comunidade sem intervenção de nenhuma associação ou sindicato. Isso pode ser notado na narrativa de seu Francisco, quando ele explica sobre a divisão da renda entre patrão e trabalhadores: “Esses aumentos nas rendas. Passar de 4:1 para 5:1 e de 5:1 passar para 10:1. A gente conseguiu, mas foi com nosso esforço. A gente mesmo sabia que eles não iam dar não¹⁶”.

Se algum roceiro adoecesse, ele não teria direito a nenhum benefício ou amparo social, enquanto se recuperasse. Caso ficasse impossibilitado de ir para a roça seja por doença ou pelo avanço da idade, a única alternativa era ir morar com os filhos. A

¹⁵Manoel João da Silva. Agricultor aposentado, 76 anos. Nascido em Chaval-Ceará. Atual morador do Bairro Cal, Ilha Grande-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira em 23 de Dezembro de 2012.

¹⁶Francisco Germano Carvalho. Nascido na Cana-Brava, em 29 de Maio de 1950. Entrevista concedida a Luana Gomes Bittencourt em 08 de Dezembro de 2012.

aposentadoria pelo serviço rural também foi algo conquistado com muito sacrifício e é algo recente em todo o país, como tratou o jornal *A Folha do Litoral*:

Nelson Carneiro apresentou projeto incluindo a aposentadoria especial no Programa de Assistência ao Trabalhador Rural a qual corresponderá a uma prestação igual à da velhice. Para o trabalhador do campo ter direito ao benefício, deverá ter atingido 55 anos de idade, completo, 25 anos consecutivos ou alternados, trabalhando em regiões insalubres¹⁷.

Percebe-se que os direitos trabalhistas foram conquistados lentamente. De acordo com os moradores do Delta, essa foi uma luta dos próprios roceiros que se reuniram para atingir esse fim, as pessoas que estavam à frente do sindicato, em nada ajudavam. Em meio a essas problemáticas, muitas pessoas sobreviviam da maneira que podiam. O delta através de seus atrativos naturais funcionava como um corredor de migrações, onde os indivíduos que ali habitavam, transitavam periodicamente de uma ilha para outra, dependendo da profissão que exerciam e da necessidade que estes tinham.

Os relatos de trabalhadores locais foram pautados por atividades ligadas ao rio: horas navegando em barcos à vela, ou mesmo usando a força mecânica empregada nos remos para chegar às suas roças; circulando nos igarapés, pescando com tarrafa, linha, caçoeira, entre outros apetrechos; e o dia quase todo no rio ou no mangue catando o marisco ou o caranguejo.

Em virtude dessa mobilidade e da diversidade de sujeitos trabalhando por todo o Delta, considere melhor estudar não apenas roceiros e pescadores de uma determinada ilha¹⁸, mas sim englobá-las e enfatizar os trabalhadores do Delta de modo geral. Acredito que as ilhas propiciavam sociabilidade, fluxo periódico de pessoas e de experiências, fazendo com que a população não ficasse limitada ao território dos respectivos estados do Piauí e Maranhão. Dessa maneira, a ideia anterior de trabalhar apenas um bairro de uma determinada ilha foi expandida devido às necessidades que senti de ampliar o diálogo com esses sujeitos e saber sobre seus modos de vida.

Em relação ao desprendimento geográfico que os habitantes praticavam, as relações dos sujeitos de Ilha das Canárias são bons exemplos. Apesar de pertencer atualmente ao Maranhão, os seus moradores têm ligação mais direta com a cidade de

¹⁷ Aposentadoria especial *IN Folha do Litoral*. 07 de Janeiro de 1976, p.

¹⁸ A proposta inicial dessa pesquisa era estudar os agricultores da Ilha Grande de Santa Izabel.

Parnaíba, no estado do Piauí, do que com a sede do município de Araióses, no Maranhão, ao qual esta ilha pertence. Apesar de o rio Parnaíba ser divisor natural entre os estados, percebi, por meio das narrativas, que ele não divide culturas, pelo contrário, serve de comunicação e de meio para a integração das populações ribeirinhas, seja do continente, seja das ilhas.

A mobilidade de homens e mulheres permanece uma experiência comum na região deltaica, onde um trabalhador sair da ilha que mora e extrapolar os limites geográficos de outra é ação corriqueira. Dona Dodô, uma das colaboradoras, é atualmente uma moradora da Ilha das Canárias. No entanto, ela nasceu em um dos vários povoados da Ilha Grande de Santa Izabel, vindo para o atual lugar em que reside ainda criança. Ao falar sobre sua vida, ela afirmou que se mudou para as Canárias devido à distância para ir trabalhar na roça com seus pais:

A gente mora no Cal. Para a gente ir para a roça, passa nos Tatus para embarcar. Aí eu vim embora pra cá (Ilha das Canárias)! [...] Lá no Cal, é muito difícil à gente pescar, lá ninguém não pesca, é só pegando, tirando marisco para andar vendendo, e eu não gosto!¹⁹

Essas pessoas, que habitavam ou ainda habitam o Delta, são, em sua maioria, comunidades tradicionais²⁰ que se utilizam dos recursos naturais, exercendo atividades que iam desde o extrativismo animal e vegetal à agricultura. Segundo Antonio Carlos Diegues, “uma das características básicas dessas populações é o fato de viverem em áreas rurais onde a dependência do mundo natural, de seus ciclos e de seus produtos é fundamental para a produção e reprodução de seu modo de vida”. (DIEGUES: 2007,2).

Na década de 1980, a região começou a ser explorada pelo seu potencial turístico; Parnaíba tornou-se a “capital do Delta” e foi – de acordo com vários artigos do *Jornal*

¹⁹ Maria de Jesus do Nascimento. Pescadora aposentada, 75 anos de idade. Entrevista ao Grupo de Pesquisa Cidade Cultura e Identidade, no dia 22 de Junho de 2013.

²⁰ O artigo 3º do decreto federal de número 6.040 de 7 de fevereiro de 2007, no qual institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais diz que os povos e as comunidades tradicionais, são “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

Inovação de Parnaíba – o “Terceiro polo turístico”²¹ do País”. Essas mudanças no ponto de vista turístico e econômico alteraram abruptamente as relações entre os moradores daquelas localidades até então, produzindo assim mudanças nas sociabilidades e nos modos de vida.

A atividade da cata de caranguejo nessa década e na seguinte cresceu gradualmente devido à valorização do crustáceo para o consumo. Esses eram exportados para os outros estados nordestinos devido ao crescimento no turismo, atividade que começara a expandir-se e a ser bastante lucrativa, na região Nordeste, naquele período.

Mais tarde, em 1996, foi criada²² a Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba²³, sob a legislação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, visando à preservação do meio ambiente e da fauna da região; tal medida contribuiu bastante na alteração do cotidiano e na vivência dos tradicionais moradores da região.



Legenda: Mapa da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba²⁴.

²¹Sólina Genuína. Turismo – Incentivo ao Desenvolvimento, *Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba/PI. Fevereiro de 1984.

²² Através do Decreto Federal de 28 de agosto de 1996, assinado pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

²³O sistema Nacional de Unidades de Conservação entende APA como uma área extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de elementos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas.

²⁴Fonte: <http://mapas.icmbio.gov.br/i3geo/icmbio/mapa/externo/home.html?5tfi6ldpkqip5dn96phec45371#ancora>. Acessado em 06 de Outubro de 2013.

A Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba ocupa uma extensão bem maior que o Delta propriamente dito – o objeto desta pesquisa – uma vez que ela compreende desde algumas cidades, como Barroquinha e Chaval, no Ceará; até Tutóia, cidade no Maranhão.

1.2 Cidade de Parnaíba: uma cidade-beira.

É quase impossível falar do Delta sem se referir à cidade de Parnaíba devido à forte ligação e importância econômica e social que esta tem para o espaço em questão. Porém, é válido ressaltar que ao passo que ela exerce influência na vida das populações tradicionais do Delta, a própria Parnaíba se tornou dependente dos ribeirinhos das ilhas e, por conseguinte, do Delta.

Distante cerca de 350 km da capital Teresina, Parnaíba é atualmente uma das quatro²⁵ cidades litorâneas do Piauí. O município é banhado pelo rio Igarçu, um dos braços do rio Parnaíba. Por ser um de seus portais, foi intitulada de “capital do Delta”. Ao longo de sua história Parnaíba foi um importante centro urbano, sendo desde sua ocupação a cidade que se firmou como lugar de progresso. Cresceu bastante no século XVIII, impulsionada pela indústria do charque e depois pela cera de carnaúba. Durante esse período, sobrados foram construídos como símbolos dessa riqueza, para abrigar a elite local e demonstrar o seu poder. Algumas dessas edificações resistiram ao tempo e ao processo de modernização de algumas áreas do centro urbano, permanecendo ainda como resquícios de um passado glorioso.

Palco de trocas intensas de comércio, Parnaíba se tornou espaço privilegiado para a comunicação de ideias e costumes. Em meio a toda essa ostentação a cidade se tornou uma verdadeira “senhora aristocrata”. Rica e diferente das demais do estado do Piauí; Parnaíba era a única a “rivalizar” com a capital, Teresina. É bastante corriqueira a referência à “rixa” que se estabeleceu no imaginário dos parnaibanos contra os teresinenses por vários motivos, dentre eles a mudança da capital, que ocorreu no século XIX. Parnaíba ainda hoje guarda certo rancor, pois era desejo de seus habitantes que a mesma se tornasse a capital uma vez que era mais antiga que Teresina e mais desenvolvida que as outras vilas.

²⁵Ilha Grande, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia.

Em Parnaíba, era de domínio público a imagem de que a cidade “ficava de frente para a Europa e de costas para o Piauí”. Passada a crise do charque, a cidade perdeu seu fôlego econômico, sendo recuperados apenas alguns anos mais tarde com a extração da cera de carnaúba. Principal produto exportado desde o século XIX, a cera de carnaúba perdeu seu valor comercial no final da Segunda Guerra Mundial, abalando duramente a economia parnaibana.

Mesmo com essa derrocada, a cidade ainda era vista como lugar propício para o futuro de muitas pessoas, dentre eles os trabalhadores tradicionais do Delta. A Historiadora Gercinair Gandara a denomina de cidade-beira. Uma cidade-beira é aquela que “além das ribeiras de águas doces margeia também as águas salgadas e os diversos meios de circulação e de contato, via férrea, estradas, caminhos, rodovias, pistas de pousos, linha de telégrafo, vizinhanças de um modo geral, etc.” (GANDARA: 2012, 116).

Com todo esse aparato que propicia as migrações e o fluxo de pessoas, uma cidade-beira se distingue de uma cidade ribeirinha. A segunda é entendida apenas como um lugar que está “às margens de águas doces, rios, ribeirões e córregos” (GANDARA: 2012, 116); enquanto a cidade-beira permite a troca de experiência, de costumes e de técnicas devido à comunicação de pessoas propiciada por uma série de aparatos, tais como: ferrovias, estradas, aeroportos, além de portos marinhos ou hidroviários.

Mesmo não sendo uma cidade de grande porte, Parnaíba repercutia no imaginário popular como um lugar onde não seria mais preciso ir à roça tirar o arroz; acordar na madrugada e se aventurar no mar, rio ou mangue, para pegar o peixe, marisco ou o caranguejo. O comércio e os serviços oferecidos seriam as atividades que iriam suprir as aspirações de uma vida melhor e mais branda.

Referência para a região norte do estado, Parnaíba é uma das cidades que serviu de válvula de escape para os problemas sociais de municípios vizinhos. É para lá que os habitantes de cidades próximas migram até hoje, seja em busca de oportunidades de emprego, ou devido à educação e amparo à saúde.

Pessoas vindas do Delta ou de municípios da região norte do Maranhão e Ceará, se constituíam como habitantes temporários ou migrantes sazonais, que se dirigiam à Parnaíba para fazer compras, vender suas mercadorias ou morar, na esperança de mudar de vida. Alguns pais costumavam mandar seus filhos para morarem com algum parente na cidade a

fim de que as crianças estudassem e tivessem um futuro melhor para que, assim, ajudassem à família, algo que ainda acontece corriqueiramente. Segundo dona Zilmar:

Para Parnaíba, saiam àquelas jovens para trabalhar, para se limpar. Para ter seu calçado, seu vestido, sua roupinha “mais” melhorzinha. Porque seus pais, não tinha a condição de dar. Mas iam, passavam uma semana, voltava, vinham no final de semana, outras que não davam para vir no final de semana, vinham na outra semana. E foi levando a vida assim, eles indo e voltando, sempre voltando²⁶.

Mesmo que estudassem, essas crianças e jovens ajudavam seus tios ou tias nas despesas da casa, logo faziam pequenos serviços, como vender frutas típicas da região nas ruas ou em feiras; muitas meninas se empregavam como domésticas em casas de famílias.

Assim, é perceptível que a cidade de Parnaíba era representada como uma oposição à pauperização e à miséria que as comunidades tradicionais do Delta viviam. Idealizada pelos seus habitantes a cidade é não só espaço físico ou território, ela é ainda local em que as pessoas sociabilizavam e criavam uma forte identidade, extrapolavam a paisagem natural sendo assimilada também para o plano simbólico, perpassando o imaginário²⁷ das pessoas.

Segundo José D’Assunção Barros, “o imaginário congrega tanto as representações que as sociedades produzem e lhes dão significâncias, quanto o simbolismo” que, como será visto adiante teve, na ponte Simplício Dias um exemplo de ícone e ressignificação. Parnaíba surgiu como lugar de orgulho para os seus habitantes, justificado por um passado mantido por glórias como a precursora das cidades nas lutas pela independência do Piauí.

Compreendi que Parnaíba possuía uma relação bastante tênue com os moradores das ilhas. Ao longo das análises, observei que essa posição é bastante marcante no imaginário, tanto no relato dos parnaibanos quanto dos habitantes do Delta. Essa oposição é

²⁶Zilmar Ribeiro dos Santos, 60 anos, pescadora aposentada e dona de casa. Nascida no dia 19 de julho de 1953 no povoado Cal, na época município de Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira em 07 de Outubro de 2013.

²⁷Compreendo assim como José D’Assunção Barros, que imaginário é “um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”. José D’Assunção Barros. *Imaginário, Mentalidade e Psico-História* – uma discussão historiográfica. Labirinto. Ano V, nº7, junho de 2005.

ainda perpetuada nos moradores mais idosos da ilha, que quando querem dizer que vão à Parnaíba resolver algo, utilizam a expressão “vou à cidade”.

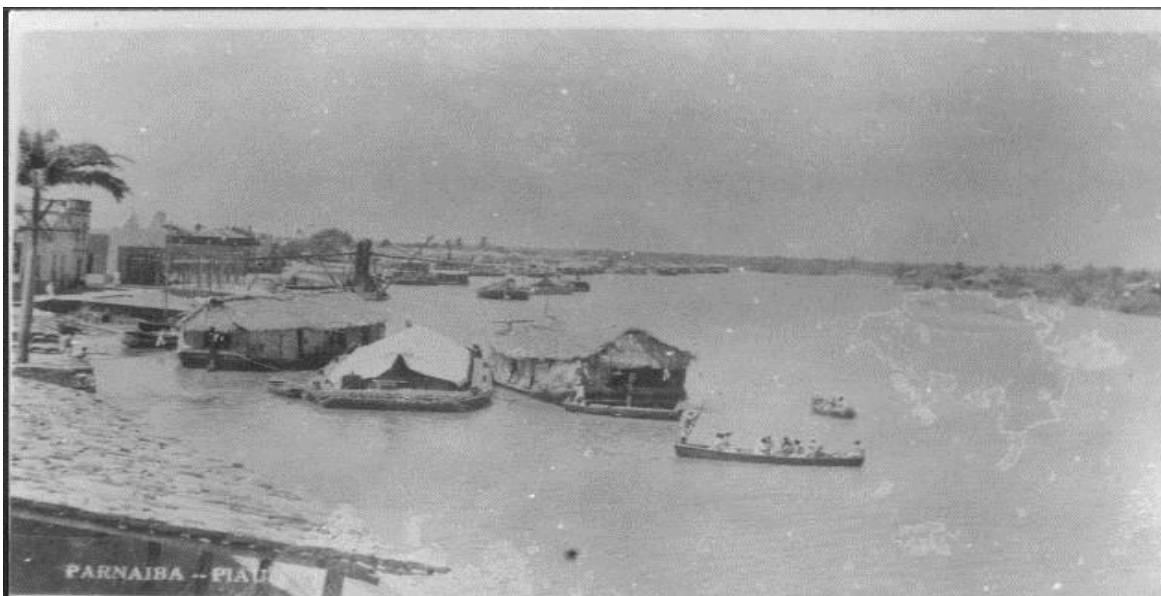
Ao falar sobre os problemas atuais da cidade em que vive, Dona Maria de Jesus, mais conhecida pelo apelido Tutu, enumera algumas dificuldades atuais que os habitantes de Ilha Grande do Piauí passam:

“As negrada” vão parar tudo lá na cidade, agora veja bem, para quem não tem condição, vai parar lá na cidade, se você botasse ai na cidade, você tem que ter dinheiro para fretar um carro né? Porque tai, os ônibus tá na linha, num é porque os ônibus no correr do dia, a noite tem? Na cidade tem, não tem?! Qualquer hora que você queira pegar um transporte lá na cidade tem não tem? Aqui já não tem²⁸

Embora conheça a atual vida política e a emancipação que Ilha Grande tivera, percebe-se pela fala, que a colaboradora continua se utilizando do termo “cidade” para designar Parnaíba. Entende-se que tal termo foi empregado na fala de dona Tutu servindo como uma espécie de adjetivo, pelo qual qualifica o município vizinho como civilizado, urbanizado e avançado. Para dona Tutu, Parnaíba oferece mais oportunidades e estrutura para a vida de seus habitantes, visão bastante diferente da que ela tem do lugar em que mora.

Na imagem a seguir, a ponte Simplício Dias ainda não aparece, ela não havia sido construída. Em primeiro plano se vê o rio Igarapu, que como já foi dito anteriormente, separa a ilha do continente. No lado esquerdo da foto, existem vários barcos aportados que têm uma espécie de cobertura. São os vareiros do rio Parnaíba, barcaças movidas pela força humana que traziam carvão vegetal e transportavam pessoas que moravam em cidades ribeiras ao Parnaíba até a capital. Esses meios de transporte eram muito utilizados pela camada mais pobre da população. Com o passar do tempo, foram caindo em desuso devido à navegação a vapor e também por causa da ponte Simplício Dias, construída no final dos anos 1970. Ao centro tem uma canoa, meio de transporte que fazia a travessia Ilha/Parnaíba.

²⁸Maria de Jesus Sales da Rocha. Pescadora, 55 anos. Nascida no povoado Cal, Ilha Grande de Santa Isabel, na época o povoado era município de Parnaíba/PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira em 16 de Junho de 2013.



Legenda: Travessia do Igarçu, Parnaíba, meados do século XX.²⁹

A cidade até meados da década de 1970 mantinha relação com a Ilha de Santa Izabel exclusivamente por meio de barcos e canoas que faziam a travessia de pessoas pelo rio Igarçu. Como se pode observar na imagem acima há uma canoa com algumas pessoas, a nave estava indo em direção à ilha.

Os pescados, assim como o arroz e outros produtos agrícolas, eram trazidos pelos moradores de diversas comunidades a fim de serem comercializados no mercado de Parnaíba. No entanto, atravessar o rio, para as pessoas que moravam no interior da ilha antes da edificação da ponte, era uma jornada bem mais longa. Moradores das comunidades mais distantes como Cal e Tatus, por exemplo, afirmam que acordavam cedo para poder vir à Parnaíba.

Como não existiam estradas que ligassem os povoados, os habitantes tinham de caminhar de 10 a 15 km para poder atravessar à outra margem do rio e chegar aos mercados parnaibanos. O caminho constituído de areia grossa dificultava ainda mais o deslocamento dessas pessoas. Após a longa caminhada, elas atravessavam o rio em uma canoa. Quando chegavam à margem continental do Igarçu, costumavam trocar de roupa, usando uma vestimenta trazida numa sacola, pois a que usavam já estava suja devido à poeira e ao suor, além de está “toda rasgada” por causa dos espinhos das carnaúbas que havia pelo caminho.

²⁹Fonte da imagem: http://www.deltadoparnaiba.com.br/galeria_antiga.htm. Acessado em 17/07/2013

Dona Zilmar, originária do povoado Cal, discorreu sobre suas experiências, quando ainda não existia a ponte Simplício Dias e nem a estrada, que passa pela atual Ilha Grande de Santa Izabel:

Aqui (Na Ilha Grande de Santa Izabel) não tinha como vender o peixe. A gente ia para levar o peso daqui né. Não tinha estrada na época. No inverno os caminhos ficavam todos cheios de água. As pessoas iam vender na cidade, ovos, quiabo, maxixe, essas coisas assim. Botavam as bacias na cabeça, atravessava as águas (de canoa). Lá no Porto Salgado, tinha um local que a pessoa trocava de roupa para poder ir fazer seu trabalho na cidade, por que o caminho era tudo cheio de água, no inverno³⁰.

As famílias, em sua maioria, praticavam a agricultura por meio da arrenda. Isto é davam uma parte da produção para o dono da terra. O arroz produzido era beneficiado em fábricas espalhadas pelas várias ilhas do Delta. Na Ilha de Santa Izabel existiam, pelos relatos dos roceiros, cerca de seis fábricas de beneficiamento de arroz, além dessas nas demais localidades do Delta também existiam fábricas, como no Guirindó e na Ilha da Cujubeira, por exemplo. A parte que pertencia ao agricultor, depois de ser beneficiada era vendida em mercados de Parnaíba. Os ilhéus levavam também para comercializar pescados e frutas típicas da região.

A minha mãe, dona Raimunda, morava aqui em Canárias, ela apanhava murici e comprava das companheiras dela, cê tá entendeno? Aí ia vender em Parnaíba. Nessa época, não tinha carro pra ir e ela levava na cabeça, aquelas bacia grande. E um dia, derramou tudo enquanto foi de murici, naquele lameiro, que tem aquela obra lá! Chorou tanto, que quando ela conta, a gente acha graça, mas num é mangando não. E diz que chorou tanto, aí foi juntar esse murici e foi, lavar pra vender, exatamente pra criar os irmão dela, que são treze irmãos³¹.

³⁰Zilmar Ribeiro dos Santos, 60 anos, pescadora aposentada e dona de casa. Nascida no dia 19 de julho de 1953 no povoado Cal, na época município de Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira em 07 de Outubro de 2013.

³¹Lúcia de Sousa Freitas. 50anos de idade. Nascida na comunidade Canárias. Ilha das Canárias-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 20 de Abril de 2013.

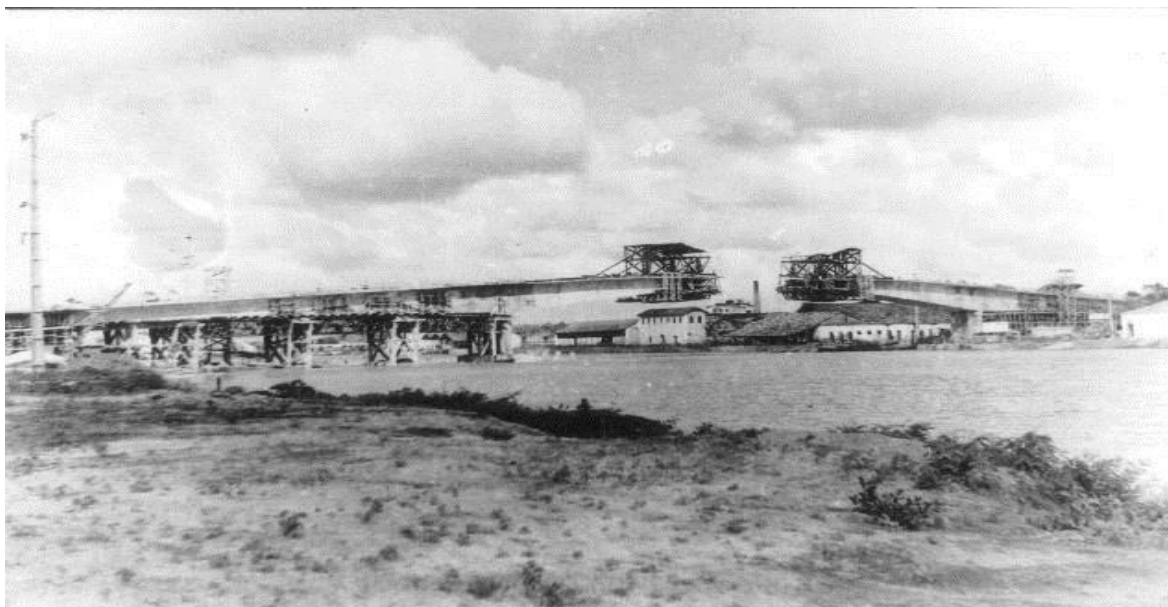
Por gerações, essa foi a realidade de muitos moradores das comunidades ao longo do Delta, que ganhavam a vida ou completavam a sua renda com o comércio dos produtos que plantavam e que iam no “mato pegar: puçá, guajiru e murici”. Perguntada sobre o que motivava tal aventura, uma das senhoras entrevistadas, dona Zilmar narrou que ela entende isso como “força de vontade”. Esses sujeitos precisavam e muitas vezes se viam sem saída. Com uma família bastante numerosa, pais e mães eram obrigados a fazer “aquilo porque se não fizesse, não dava para sobreviver”³².

No ano de 1975, houve uma mudança significativa dessa realidade. Durante a primeira gestão do prefeito Alberto Tavares Silva, foi construída a ponte Simplício Dia, com a função de ligar Parnaíba às outras áreas do município (nesse caso às comunidades da Ilha Grande de Santa Izabel, território ainda pertencente à Parnaíba); além de integrar a parte parnaibana-insular ao continente. A construção traria ainda melhoria para as demais comunidades ao longo do Delta. No entanto, nota-se no trecho do *Jornal Inovação*, em 1979, que ela na verdade era representada como uma obra que servia para unir: “A ponte Simplício Dias da Silva serve de divisa de um mundo para outro, para inúmeros pontos que num conceito geral, podem se chamar de “povoados”³³.

Logo a edificação – que teria o caráter de unir e ligar a cidade à ilha – ficou registrada no imaginário e na memória dos cidadãos como uma linha de concreto que dividia a cidade e o centro do subúrbio e da zona rural.

³²*Idem*

³³Reginaldo Costa. Tatus e Cal – Povoados Unidos até no Abandono. *Jornal Inovação de Parnaíba*. Parnaíba/PI. Setembro de 1979.



Legenda: Construção da Ponte Simplício Dias, início da década de 1970³⁴.

A imagem acima tem como elemento central a ponte Simplício Dias da Silva em fase de construção. Nela é possível ver as estruturas usadas para fazer a edificação. Como se pode ver pela foto, a ponte foi construída “vinda” dos dois lados. O autor da imagem tirou a fotografia estando na área insular de Parnaíba, isto é, na Ilha de Santa Izabel. No mesmo território, não consta a presença de nenhuma obra que seja feita pela ação humana. O lugar está vazio, sendo composto apenas pelo substrato e por uma rala vegetação, possivelmente sobras de mata ciliar, que deve ter sido originalmente retirada para dar lugar a alguma plantação. Já do lado continental, vê-se o Porto das Barcas, local que marca o comércio parnaibano, uma de suas gêneses. O contraste entre a ideia da ilha como sinônimo de vazio e ruralidade e a cidade de Parnaíba, com sua arquitetura representando a urbes, é apenas mais uma maneira de reforçar o imaginário do atraso social ilhéu.

O imaginário parnaibano atesta que é na “Ilha” que se dão as calamidades naturais quando chove. Um escritor do Jornal Inovação discorre um artigo sobre o problema de transporte no ano de 1983, na mesma matéria aproveita para falar um pouco das mazelas sociais.

³⁴Fonte: http://www.deltadoparnaiba.com.br/galeria_antiga.htm. Acessado em 17/07/2013.

O transporte não é único problema que irrita os moradores da Ilha Grande. As populações dos Tatus, Cal, Morros, Pedra do Sal e Labino, têm reivindicado do poder público, uma atenção não preferencial para as suas dificuldades, mas o mínimo necessário seria relevante para melhoria da vida de dezenas de pescadores, verdureiras, trabalhadores rurais, estudantes, caranguejeiros, etc³⁵.

O escritor ainda conclui seu pensamento dizendo: “entendemos que pela miséria absoluta em que vivem, essa gente não pode continuar submissa, desassistida e marginalizada”³⁶. Ao longo dos anos, essa realidade foi aos poucos sendo alterada, porém ainda hoje, na segunda década do século XXI, a ponte marca essa divisão entre a cidade e a ilha. Lugar de marginalização social, esta imagem é ainda a permanência da falta de interesse para implantação de políticas públicas.

1.3 Comunidades tradicionais do Delta.

O antropólogo Reinhold Ullmann afirma que “o ambiente não determina, cegamente, os traços culturais, mas impõe severas condições e restrições” (ULLMANN: 1991, 276), ou seja, apesar dele não ser determinante, o ambiente propicia características únicas na vida das pessoas, tanto em suas técnicas quanto em suas vivências. Ao passo que o meio ambiente propicia interferências em suas escolhas e possibilidades, a população também exerce influência sobre este.

Graças à razão e à inteligência, uma população inserida em qualquer ambiente pode “efetuar ações que transformem ou alterem”³⁷ a natureza, “visando à satisfação de suas necessidades”³⁸. Dessa maneira os seres humanos conseguem se utilizar dos recursos renováveis e não renováveis em um ambiente para sua sobrevivência e conforme sua necessidade. À medida que eles se apropriam de tais recursos, modificam o ambiente em que vivem. De todos os animais “apenas os humanos interferem na ordem, no equilíbrio e na evolução natural dos ecossistemas” (BELLIA: 1996, 21).

³⁵ Luciano. Briga doméstica prejudica comunidade. *Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba/PI, abril de 1983, p. 11.

³⁶ *Idem*

³⁷ Victor Bellia. *Introdução à Economia do Meio Ambiente*. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Brasília, DF. 1996.p.20.

³⁸ *Idem*

No Delta, as apropriações dos recursos naturais foram feitas inicialmente de forma não predatória. A princípio a região era habitada por índios Tremembés que viviam da caça, da pesca e de colheitas. Os saberes que estes tinham sobre a natureza foram repassados aos seus descendentes. Com as incursões do colonizador, algumas populações indígenas do Delta foram exterminadas, outras foram catequizadas, como os índios da Ilha do Cajueiro, atual Ilha do Caju, dando nome a um aldeamento jesuíta. A região já no século XVIII sofreu com as primeiras atividades predatórias do europeu. A “Sua existência histórica esteve marcada pelo ciclo da criação de gado, da manufatura ligada ao charque e ao agro extrativismo da carnaúba” (PINHEIRO; MOURA; ALVES: 2011, 5). Usos inapropriados da paisagem e de seus recursos que já afetavam a vegetação local.

As novas levas de pessoas que se instalaram séculos mais tarde receberam parte dessa herança cultural, tanto indígena, quanto europeia. Por meio de suas vivências adaptaram-se ao novo ambiente. As apropriações humanas dos recursos e suas interações com a natureza são bastante relevantes para o estudo da História Ambiental, uma vez que “cada ser constrói o seu mundo e o mundo coletivo se constrói por meio de uma trama complexo de interações e interdependências” (MATURANA & VARELA *apud* PÁDUA: 2010, 94).

Portanto, entende-se que a ligação homem/natureza na espacialidade estudada, é um objeto imprescindível para que se possa compreender a formação e os costumes dos sujeitos com que esta pesquisa trabalha. As apropriações da natureza podem ser de caráter predatório ou não. Tais recursos fazem parte do universo natural e simbólico da sociedade ilheia que estava se formando ao longo dos anos. Todo um ecossistema com seus diferentes elementos, sejam de caráter biótico quanto abiótico, fazem parte do cosmos que rodeiam os indivíduos. Os seres humanos “não constroem seu mundo apenas por meio do pensamento, mas também por meio do corpo e do conjunto do organismo” (PÁDUA: 2010, 93). Logo, os saberes/fazeres das pessoas são experiências acumuladas há gerações. Vivências essas, que estão intimamente ligadas com o mundo natural, são conhecimentos baseados na observação e na troca de ideias, repassados aos filhos e aos demais membros das comunidades por meio da oralidade.

É interessante analisar que essas populações, mesmo não convivendo harmonicamente com a natureza, pois como disse José Augusto Drummond, as “atividades

humanas – extração de plantas, agricultura, caça, retirada de madeira, represamento de rios, mineração, disposição de resíduos etc. – deixam marcas por vezes bastante óbvias e duráveis nas paisagens” (DRUMMOND: 2010, 5)³⁹, utilizam-na de forma menos degradante, uma vez que as ações adotadas podem ser consideradas como manejos, quase sempre visam as permanências daqueles bens. As pessoas agrupadas nessas comunidades têm um forte vínculo de cooperação entre si. O Sr. Manoel, ao relatar sobre a sua experiência na roça, nas décadas de 1970 a 1980, descreveu sobre esse sentimento de cooperação. Quando lhe pergunto sobre a falta de comida e sobre como eram as relações entre os trabalhadores do campo, ele respondeu que:

Naquele tempo a gente tinha muita união, às vezes acontecia de você ir à roça mais eu, eu levava um pedaço de rapadura com farinha meio dia e você levava um quilo de pescada, camurim ou camurupim, você levava aquele peixe e chegava lá você botava no fogo, quando estava na hora do almoço você me chamava para almoçar lá com você⁴⁰.

É possível associar a vivência relatada, aos tipos de comunidades denominadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman como “comunidades afetivas”. Nelas, pairam o sentimento de segurança, altruísmo e proteção. São lugares onde, as pessoas comuns dividem alimentos quando um vizinho não tem o que comer; ajudam entre si ante as necessidades e se confortam contra o “perigo do mundo exterior”; a comunidade antes de tudo “é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante” (BAUMAN: 2003, 7).

Na fala de Claucio, está exposto o sentimento de ajuda e de proteção, exposto por Zygmunt Bauman.

Se tiver um “duente” aqui, se tiver dois ou três que tiverem coragem de andar nas casas bem ligeiro. Ali arruma dois sacos de “rancho” dinheiro bem ligeiro, rápido mesmo! Uma vez tinha uma mulher aqui doente, com uma doença na cabeça dela. Eu fui com outro colega bem ligeiro. Nós arrumamos mil e poucos reais pra ela⁴¹.

³⁹ Entrevista de José Augusto Drummond a 6ª edição da Revista de História.

⁴⁰ Manoel João da Silva. Agricultor aposentado, 76 anos. Nascido em Chaval-CE. Atual morador do Bairro Cal, Ilha Grande-PI. Entrevista concedida a Pedro Wagner Silva Oliveira em 23 de Dezembro de 2012.

⁴¹ Claucio da Silva Santos. Barqueiro e pescador, 34 anos de idade, nascido na comunidade Canarias (Ilha das Canarias). Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 30 de Maio de 2013.

Bem mais do que o lugar em que se mora, a “comunidade afetiva” é diferente da chamada “comunidade guarda-roupa”. A primeira é composta por sujeitos que se protegem. Como se pode concluir pela fala do entrevistado, a população local se uniu com o objetivo de ajudar outra moradora. Aqueles que integram as comunidades afetivas se sentem parte da mesma. Ao longo das narrativas, os colaboradores contaram em vários momentos a ajuda mútua que os indivíduos de suas localidades tinham para com os outros. Esse sentimento de cooperação é sentido e vivido principalmente pelos moradores mais idosos, em suas memórias, eles dizem que as pessoas se ajudavam mais do que atualmente.

Diferente disso, as comunidades “guarda roupa” ou comunidades “cabides⁴²” servem apenas como válvula de escape, pois têm uma função bem menos afetiva. Esse tipo de comunidade agrupa pessoas em torno de um interesse coletivo, os laços afetivos são bem mais instáveis, logo, esse tipo de comunidade não é tão duradoura quanto a comunidade ética.

Os personagens entrevistados orgulham-se dos seus vizinhos e de sua relação bastante amistosa. Eles acreditam que essas relações são importantes em suas vidas, baseadas em respeito recíproco e união. São características recorrentes na fala dos colaboradores. Um idoso, ao falar sobre a segurança que sente em sua comunidade, diz que em Canárias quando costuma sair, os “vizinhos mesmo guardam as coisas, guardam a casa da gente”⁴³. O pescador, senhor Magno, expressa orgulho em deixar a porta da casa aberta enquanto sai na madrugada e deixa sua esposa dormindo só, um ato talvez impraticável e bastante perigoso em uma cidade grande.

É notório que em uma mesma ilha as comunidades se apresentem de forma diferente, tanto em sua estrutura física quanto econômica. Historicamente a lavra na Ilha das Canárias entrou em declínio na década de 1980 e as pessoas que exerciam tal atividade foram abandonando-a aos poucos. Os moradores dessa ilha foram se direcionando para a pesca. O trabalho pesado na roça é um relato bastante corriqueiro nos discursos, apontado como motivo que fez com que várias pessoas da comunidade Canárias migrassem para outra ocupação.

⁴²Ela agrupa várias pessoas que têm o mesmo objetivo, como um fã clube, por exemplo, esse tipo de comunidade é bem mais instável e se desfalece de maneira bem mais rápida do que as comunidades afetivas.

⁴³Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos, nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias). Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 30 de Maio de 2013.

Outros problemas referentes à roça de arroz, citado pelos entrevistados, é de caráter ambiental, relativo aos animais selvagens, bastante comuns nas ilhas do Delta, que comem as plantações. Nesta ilha, havia ainda o problema da água salgada que prejudicava a plantação.

A lavoura aqui a gente não está procurando muito. Eu vi um de vocês comentando sobre o que come lá o arroz (capivara). E aqui vai nessa lógica, a capivara come, tem os pássaros que também comem e aqui, ainda tem a água salgada. Por que aqui nós temos as duas águas, a doce e a salgada. Então, quando da sorte o arroz é bom quando não dá, a água salgada mata o arroz e a maioria não procuraram mais não, buscaram outra atividade⁴⁴.

Possuir uma ocupação é um elemento de distinção, tanto homens quanto mulheres, expressavam o seu valor por meio do trabalho. Narrativas, como a do senhor Magno e dona Lúcia, demonstram isso. “Eu trabalhei muito senhor. Trabalhar com arroz dá muito trabalho. Aí eu disse: – Menino, quer saber?! Vou largar essa vida no campo, daí bem cedo, vou cair na pescaria, nunca mais pisei em lama para plantar um pé de arroz. Meu pai nunca gostou de roça, era só na pescaria mesmo⁴⁵”. Já dona Lúcia, rememora a labuta de seus pais, principalmente a da sua mãe. “Meus pais foram guerreiros! Minha mãe foi muito trabalhadeira, minha mãe e meu pai. Meu pai vivia só de pescar de linha com meu irmão. Minha mãe trabalhava na roça. Ela também apanhava murici e “apanhano” castanha e trabalhar em roça de... arroz”⁴⁶.

Outra colaboradora, dona Zilmar, ao longo de sua narrativa, além de se ver como uma mulher trabalhadora, constrói a imagem de si mesma como uma pessoa responsável, ligada à família. “Toda vida fui esperta para cuidar de casa! Nunca deixei irmão meu jogado para dentro de casa, preso para eu sair. Sempre tive responsabilidade, sempre tive

⁴⁴Claucio da Silva Santos. Barqueiro e pescador, 34 anos de idade, nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias). Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 30 de Maio de 2013.

⁴⁵Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-Ma. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 30 de Maio de 2013.

⁴⁶ Lúcia de Sousa Freitas. 50 anos de idade. Nascida na comunidade Canárias. Ilha das Canárias-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 20 de Maio de 2013.

responsabilidade com aquilo que eu fazia⁴⁷”. As mulheres tinham a função de cuidar da casa e dos filhos, no entanto, elas também ajudavam seus companheiros na roça e na pesca.

Diferente dos moradores de Canárias, que abandonaram o trabalho na roça, os habitantes das comunidades Morros da Mariana, Cal e Tatus⁴⁸, dedicam-se à roça e também à cata do caranguejo-ucá. Esse segundo tipo de atividade é praticado com maior intensidade pelos membros dessa comunidade do que pelos moradores das Canárias. Os moradores das comunidades tradicionais podem ser conceituados como indivíduos que têm forte dependência dos recursos naturais. São populações tradicionais os indígenas, os extrativistas, os camponeses e os pescadores artesanais. De acordo com Diegues, “numa perspectiva marxista, as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total” (DIEGUES: 1999, 18).

Os sujeitos escolhidos para esta pesquisa exercem uma gama de atividades mistas. Ao fazer o exercício da história oral, um roceiro ou um pescador declara que não trabalhava exclusivamente na roça ou na pesca. Ele exercia outras tarefas para prover o seu sustento e de sua família. Portanto, costumava lavar, pescar, catar marisco e caranguejo. Logo não pude fechar um grupo de profissionais, pois essas pessoas não exerciam apenas uma única atividade.

Observa-se que um dos fatores que propicia as atividades mistas, são os ciclos naturais. O plantio era e continua sendo realizado no período chuvoso. As pessoas, primeiramente preparavam a terra, eliminando o mato com a foice, etapa que elas chamavam de “brocar”; depois se afastavam temporariamente da roça e se lançavam em outra atividade, como a pesca, por exemplo. Retornando as roças apenas para a manutenção das mudas e no período da colheita. Esse costume continua persistindo até hoje, principalmente entre os roceiros mais velhos que continuam trabalhando.

As comunidades tradicionais se beneficiam dos potenciais naturais que o lugar oferece. As atividades econômicas mais comuns são a pesca, a agricultura, a cata de caranguejo e a de marisco. De acordo com os censos realizados pelo Instituto Brasileiro de

⁴⁷Zilmar Ribeiro dos Santos, 60 anos, pescadora aposentada e dona de casa. Nascida no dia 19 de julho de 1953 no povoado Cal, na época município de Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, em 07 de Outubro de 2013.

⁴⁸Todas comunidades localizadas na Ilha Grande de Santa Isabel.

Geografia e Estatística-IBGE feitos em 1972, no estado do Piauí⁴⁹, a população rural no começo dos anos 1972, chegava a 1.108.097 habitantes; de um total de 1.633.234, logo se percebe a supremacia e a constituição populacional de um Estado ainda bastante ruralizado.

Ao analisar as atividades econômicas mais exercidas nessa década, nota-se a importância da atividade primária, o que compreende a agricultura, a pecuária, a silvicultura, o extrativismo vegetal, a caça e também a pesca. A pesquisa demográfica, realizada em 1972, no Piauí, revelou que de um total de 193.035 pessoas empregadas ativamente em alguma atividade, 176.701 indivíduos têm a agricultura, a pecuária, e afins como única que exerciam. Dessa forma, pode-se entender a importância do setor primário na economia piauiense. Abaixo, apresento um gráfico, ilustrando os valores dessa atividade dividida por gênero:



Legenda: Gráfico da avaliação em atividade econômica no Piauí por classificação de gênero⁵⁰

O gráfico, feito a partir dos dados do IBGE, mostra que essas atividades têm o predomínio do exercício masculino; as mulheres constituem menos de 5% das pessoas empregadas nesse tipo de trabalho. Todavia, ao longo das entrevistas notei que o emprego

⁴⁹Censo Demográfico Piauí VIII. Recenseamento Geral – 1970. Serie Regional, volume I – Tomo VI. Fundação IBGE. Rio de Janeiro. 1972.

⁵⁰Valores estimados. Gráfico elaborado pelo autor a partir dos dados do censo do IBGE de 1972. Fonte: Dados do IBGE, censo de 1972.

do trabalho feminino neste tipo de serviço era nessa época bastante recorrente e bem mais comum do que atestam as pesquisas recenseadoras. Os senhores Manoel João e Francisco Germano, ambos lavradores aposentados, afirmam que existiam mulheres e meninas que trabalhavam em roças:

Menina de dez e oito anos, tudo ia ajudar os pais naquele tempo. Naquele tempo não trabalhar a sujeição era como obrigado à morte, porque ia ou os pais não podiam sustentar e ai, os pais tinham que dar ordem, naquele tempo os pais tirava o “minino” da escola para botar para trabalhar, para ganhar aquele troquinho, para ganhar aquela porcaria⁵¹.

A roça, não era uma atividade restrita ao gênero masculino. “Todo mundo trabalhava de roça, tanto homem quanto mulher. Mulher só não começava assim, junto com homem né?!⁵²”. Diferenciavam-se, apenas certas etapas, as mulheres participavam de todo o processo de plantio e colheita, apenas não transportavam os sacos com o cereal, devido o peso.

Muitos dos colaboradores, entre eles mulheres, alegam a sua participação em atividades que requeriam grande esforço físico, como o trabalho na roça. Dona Zilmar, tanto pescava quanto ia para a roça.

Eu não achava pesado não. Mas só que a gente que já é acostumado, a gente não sente, não sente essa canseira. Eu pelo menos, não acho tão puxado. Eu acho muito legal. É um divertimento para a gente e é até mesmo uma física que a gente faz naquela luta ali. Não é que seja muito certo mulher ir para a roça ou pescar. Por que, é uma coisa assim puxada. É um serviço puxado!⁵³

Este tipo de trabalho, bastante cansativo, em que as pessoas ficam expostas horas no sol quente e que despõe de enorme esforço físico, ficou registrado na memória dos narradores como uma atividade excepcionalmente masculina.

⁵¹Manoel João da Silva. Agricultor aposentado, 76 anos. Nascido no município de Chaval, atual morador do bairro Cal, Ilha Grande – PI. Entrevista concedida a Pedro Wagner Silva Oliveira em 23 de Dezembro de 2012.

⁵² Francisco Germano Carvalho Nascimento. Nascido na Cana-Brava. Nascido em 29 de Maio de 1950. Entrevista concedida à Luana Bintecourt Gomes no dia 08 de Dezembro de 2012.

⁵³ Zilmar Ribeiro dos Santos, 60 anos, pescadora aposentada e dona de casa. Nascida, no dia 19 de julho de 1953 no povoado Cal, Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Wagner Silva Oliveira, no dia 07 de Outubro de 2013.

Devido à fadiga, os homens eram os únicos que, em tese, poderiam suportar o cansaço corporal que a atividade produzia. As mulheres empregadas nessa atividade eram admiradas por sua determinação e por sua resistência, recebendo adjetivos que renegam a sua feminilidade ou mesmo a sua humanidade, sendo estas comparadas a máquinas.

Conheci minha mulher trabalhando na roça. Plantávamos de tudo! Nesse tempo o arroz era mudado, a gente plantava, depois mudava ele... Hoje não... Hoje só planta né? E ela (esposa) ia e era igual uma máquina. Era acostumada a trabalhar. Enquanto eu metia um pé de arroz, ela metia três ou quatro. Ai depois que eu casei com ela, ela já estava acostumada a trabalhar. Um dia eu fui buscar uma “charcara” de farinha nos Grossos e quando eu cheguei, ela tinha apanhado uma saca de arroz [...] Esse tempo todinho ela trabalhando em lama, inchada, armada a rede de uma bananeira pra outra⁵⁴.

O serviço na roça requeria força física e resistência, no entanto, ao observar pela narrativa, era uma atividade exercida por mulheres e homens. As mulheres entrevistadas relataram sua participação na agricultura. Dona Lúcia, por exemplo, conta que sua avó mesmo já idosa, com cerca de 65 anos, trabalhava no roçado juntamente com os homens. Algumas de fato concordaram com a opinião dos roceiros, de que esse era um trabalho pesado. Porém, mesmo com tal dificuldade devido o esforço, elas por já estarem acostumadas, conseguiam exercer a atividade. Algumas ganharam admiração dos colegas de trabalho devido à velocidade e à forma como faziam o serviço.

Os homens, por conflitos de memória ou mesmo devido à estruturação dela – uma vez que a memória é um fenômeno passado construído e ressignificado no presente pelo colaborador – comumente lembraram a participação delas nessa atividade, no entanto, frisaram ser algo mais realizado pelo sexo masculino. Pode-se fazer algumas hipóteses, machismo por parte deles, tendo em vista a sociedade patriarcal, ou mesmo protegê-los, uma vez que eles alegam que antes as mulheres trabalhavam nas roças desde crianças e as meninas de hoje se negam a fazer tal serviço; ou as notícias que eles têm atualmente sobre a proibição do trabalho infantil, ou mesmo os direitos da mulher, são conjecturas que concluo para a negação do trabalho feminino na memória de alguns narradores.

⁵⁴José Maria da Costa. 65 anos. Nascido comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 20 de Maio de 2013.

2 Os rios, os que pescam lá fora, os praianos e o mar.

O mar é belo e é terrível. O mar é livre, dizem, e livre são os que vivem nele. (Mar Morto. Jorge Amado)

Enquanto a roça era *locus* democrático onde tanto homens quanto mulheres lavravam; a pesca era, e ainda é, encarada de outra maneira. Este capítulo visa compreender o mar como apropriação simbólica de duas comunidades pesqueiras: Canárias, localizada na Ilha das Canárias, Estado do Maranhão e Pedra do Sal na Ilha Grande de Santa Isabel, Estado do Piauí. Ambas se localizam em ilhas e pescam no alto mar. Cada uma usando técnicas desenvolvidas ao longo de gerações.

Os pescadores dessas localidades detêm grandes saberes empíricos baseados na observação e em suas experiências. Esses saberes são repassados para os filhos, netos e conhecidos. Não apenas as artes da pesca e conhecimentos são ensinadas. Mas também a visão de mundo é construída e compartilhada com os novos pescadores. Em cada narrativa, o mar figura como sujeito dúbio e território de luta pela sobrevivência. O alto mar era e ainda é exclusividade masculina. As mulheres que saem para pescar, se direcionam para lagoas e, no máximo, para os rios ou para a beira da praia. Um dos motivos que justifica a pesca marítima ser impraticável para alguns homens e para as mulheres em geral é o a força das águas salgadas.

A fala seguinte é do Senhor Goberto narrando sua inserção na pesca, atraído pelo dinheiro que os frutos do pescado poderia lhe render. Pescador desde os 12 anos, demonstra certa fobia em relação à pesca em mar aberto.

Eu era tão pequeno na época que eu comecei a pescar que quando o mar vinha dentro, logo eu me segurava na canoa e soltava o remo dentro d'água, por que não tinha nem ideia de botar o remo na canoa, por que quando a pessoa começa a pescar, quando o mar vinha, o cara botava o remo na canoa, eu não, botava o remo n'água e o remo ia embora, com medo e me segurava na canoa de tão pequeno era, com doze anos de idade [...] essa época para mim foi uma época muito difícil, porque EU TÃO PEQUENO E IA ENFRENTAR UM ALTO MAR DESSE ai; eu não sabia nadar, eu não tinha nem vocabulário nem para fazer nada na minha

vida. Mas como eu via todo mundo ganhando seu dinheirinho, eu também queria ganhar⁵⁵. (Grifo meu)

É comum na fala dos pescadores entrevistados o medo que eles tinham e têm do alto mar. Para alguns narradores, como o pescador João Goberto, este é “um campo muito difícil, um campo criminoso”ⁱ. O medo pode ser interpretado de várias formas: respeito, trauma e possibilidades. No caso dos homens, desde os primeiros contatos, o mar deixava suas marcas.

Outra suposição que também faço é devido à limitação do corpo. Na narrativa, o colaborador afirmou “ser tão pequeno e ia enfrentar um alto mar desses”. O contraste entre o tamanho de seu corpo na época (pequeno) e a dimensão do mar pode explicar esse medo, Alain Corbin conclui que “a visão do incomensurável faz o homem experimentar sua finitude” (CORBIN: 1988,139). O pescador João Goberto durante a entrevista enfatizou também algumas vezes o trabalho no mar como um lugar que ao mesmo tempo em que fornece certo benefício a si e a sua família, pode ceifar a sua existência. Já para outro pescador de Canárias, Jean, não tem diferença entre pescar no rio e no mar, “todo pescador sabe nadar, mas morre também”⁵⁶.

As representações sobre o mar são dúbias. Tanto o discurso de João Goberto quanto o do senhor Magno afirmam que a pesca marítima é um trabalho que renderia lucro e ao mesmo tempo a possibilidade de um acidente, embora o próprio senhor Magno afirme que o acidente faz parte da pescaria. O mar pode ser entendido tanto como um companheiro e cúmplice quanto um vilão instável, que possivelmente poderia tirar a vida de algum pescador. Elemento que propicia a essas pessoas o seu sustento, o mar é simbolizado por esses pescadores de forma fatalista.

A pesca marinha, tanto em Canárias quanto na Pedra do Sal, é uma atividade essencialmente masculina, poucas mulheres se aventuram no mar bravo. As mulheres entrevistadas, em sua maioria pescam, inclusive as de mais idade, no entanto, mesmo as “praianas” da Pedra do Sal e as moradoras da Ilha das Canárias, pescam em lagoas, rios ou

⁵⁵ João Goberto Reis. Pescador aposentado, 53 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 22 de Junho de 2013.

⁵⁶ Entrevista coletiva concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 19 de Outubro de 2013.

na praia. O contraste entre a pesca em águas doces e salgadas é comum em outras comunidades, como afirma Diegues:

Em muitas sociedades tradicionais a água salgada do mar é considerada perigosa, ao passo que as águas correntes dos rios, riachos e fontes são consideradas benefícios de vida. Em algumas comunidades de pescadores litorâneas a água do mar é viva e pura, ao passo que as águas das lagoas são mortas e impuras. (SILVA *Apud* DIEGUES: 2007, 5).

Nas Ilhas Grande de Santa Isabel e na Canárias, ilhas fluviais-marinhas, os pescadores podem ser divididos em dois grupos: os pescadores de água doce (rios e/ou lagoas) e os pescadores do mar. Estes últimos podem ser compreendidos em duas divisões: o costeiro, atuando na praia e, por conseguinte um tipo de pesca mais seguro; e o de alto mar, tornando mais suscetíveis a maiores acidentes e riscos. Para maior compreensão, vide o quadro abaixo.

Pescadores da Ilha das Canárias e da Ilha Grande de Santa Isabel	
Água doce	Pescadores de rio/roceiros, pescadoras de lagoas.
Água salgada	Costeiros
	Pescadores do alto mar

Ressalto, porém, que embora haja essa classificação, assim como um roceiro também pesque; um pescador de rio pode fazer essa mesma atividade na água salgada, seja na costa, seja no alto mar. Logo tal profissão não é algo fechada e cerrada em si, os indivíduos podiam, e ainda experimentam, mudar de atividade ao seu bel prazer. Os fatores que os prendem a exercer apenas uma única atividade são vários: lucro maior, possibilidade que seu território lhes permite e a própria resistência corporal, tendo em vista que alguns colaboradores, explicaram que não pescam no mar, por não suportarem o mal estar físico.

2.1 Pescadores de rio

Os rios, por terem suas águas mais mansas, são o destino em que homens e mulheres de maneira geral buscam o pescado. Percebe-se que a agricultura e a pesca fluvial, eram atividades complementares, os agentes que praticavam essas atividades se viam imbricados nas duas. Em seus relatos eles falavam que plantavam, mas também tinham grande habilidade em pescar nos rios. Logo, possuíam relativa autonomia na definição das tarefas e ao ritmo de reduzi-las, situação comum em contextos pré-industriais. Thompson ao analisar a disciplina de trabalho na Inglaterra do século XVIII, afirma que algumas atividades eram mistas, tais como os mineiros e artesãos. Isso era propiciado, pois, “o padrão de trabalho sempre alternava momentos de atividade intensa e de ociosidade quando os homens detinham o controle de sua vida produtiva” (THOMPSON, 1998: 282).

A identidade desses profissionais foi uma questão bastante interessante durante a elaboração e desenvolvimento da pesquisa. Notei que devido às atividades dos sujeitos serem mistas, enquadrar tais profissionais seria um tanto quanto necessário. Simone Maldonado (1986) fala em pescadores-agricultores. Para ela estariam enquadrados os indivíduos “que pescam e plantam para consumir e comercializar, praticando uma pesca simples, o que não lhes permite acesso ao mar”. O problema dessa conceituação é que, os pescadores-agricultores por ela analisado, são sujeitos que moram em áreas praias. E os agricultores-pescadores desta pesquisa são indivíduos que se utilizam em grande maioria do rio.

Ainda nessa questão sobre a classificação desses profissionais, durante o levantamento bibliográfico, ao deparar-me com um dos estudos de Diegues sobre comunidades tradicionais no Brasil, ele parafraseia Firth (1950). De acordo com esse primeiro autor, um camponês pode exercer outra atividade como a pesca e a extração. “Ainda que dependam fundamentalmente do cultivo da terra, podem ser pescadores, artesão, extrativistas, segundo as estações do ano e a necessidade de obtenção de dinheiro para suas compras na cidade” (DIEGUES, 1999: 17). O camponês no contexto abordado pelo antropólogo migra de atividade devido ao tempo natural. O que iria de encontro com a realidade dos sujeitos por mim pesquisado. Porém ao longo das entrevistas sempre que perguntados, os narradores já falavam claramente sua profissão e como se viam.

A identidade, no caso dos trabalhadores das ilhas pesquisadas, está alicerçada com sua aposentadoria e filiação sindical. Mesmo que plantasse e admitisse fazer isso durante quase toda sua vida, um pescador se via e se vê como tal devido ter se aposentado pela Colônia de Pesca. Do mesmo modo é um roceiro que pescava e se aposentou pelo sindicato dos Trabalhadores Rurais. Exemplo bem prático disso é Dona Maria de Jesus Sales ou Tutu, como é mais conhecida. Ela trabalhou muito tempo na roça, desde criança faz essa atividade. Mas devido sua ligação sindical e aposentadoria com a Colônia de Pesca, se vê tributária a essa associação. Por conseguinte, optei por fazer essa distinção e classificá-los de acordo com a maneira que se viam, respeitando assim o “eu” de cada colaborador.

Os pescadores e roceiros encontram nos rios correnteza mais branda, que não exige tanto esforço físico das pessoas e nem tanta resistência, mesmo em rios caudalosos. Entretanto, a insegurança fica por causa de alguns fenômenos, como ataques de jacarés, raias ou algo imprevisto. Mesmo com todos estes riscos, a pesca em rios é considerada, pelos entrevistados, mais segura do que a pesca em alto mar. Ao falar sobre um dia de pesca, Dona Zilmar explica que só vai pescar na companhia de seu marido:

Pescar sozinha não é legal para ninguém. Sempre tem que ter alguma companhia para andar. Por que a gente nunca sabe o que é que tem ali naquela área que a gente vai pescar para a gente ficar sozinha. Não que alguém vá fazer mal contra nós, mas é o que pode haver dentro d'água. Como a raia, a cobra, o jacaré, essas coisas!⁵⁷

Ao ser perguntado se conhecia alguém que tivera sofrido ataque ou que tivesse ido pescar só e algo de perigoso tivesse acontecido, ela conta uma interessante história de uma senhora do povoado Tatus.

“Conheço a história de alguém que foi pescar sozinho e que aconteceu um acidente. É uma senhora lá dos Tatus, ela foi pescar no igarapé e o jacaré andou pegando ela, ele a mordeu. Só que tinha gente com ela, e o jacaré deu uma mordida nela. Mas, conseguiram combater, puderam tirar ela”.

Por viverem próximos a rios e se localizarem na periferia do poder público, os moradores das ilhas foram adquirindo conhecimentos e criaram práticas de conservação do

⁵⁷Zilmar Ribeiro dos Santos, pescadora aposentada, 63 anos nascida no povoado Cal, na época município de Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 07 de Outubro de 2013.

solo e o manejo de espécies como o caranguejo. Os saberes dessas populações foram e ainda são repassadas com o intuito de garantir sua sobrevivência e preservar para as gerações atuais e futuras.

A respeito dessa tradição, que é repassada desde cedo aos filhos e voltada para a vida prática, Thompson diz que “a tradição dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade (THOMPSON: 2005, 18). Por conseguinte, essas experiências são noções de grande importância na realidade de um trabalhador do Delta. Elas que irão agregar o saber/fazer, tais acumulações de conhecimento são transmitidas por meio da oralidade aos demais integrantes da comunidade. Claucio além de barqueiro é também pescador. De acordo com o mesmo, aprendeu a pescar com seu pai.

Eu aprendi a pescar com meu pai eu comecei acho que pescando com ele. Eu devia ser do tamanho dessa minha filha pequena. Eu lembro que ele me colocava debaixo da poupa da canoa eu era tão pequeno que ele me colocava debaixo da poupa de uma canoa bem pequena. Não é o tamanho que daquela que nós viemos não. A gente saía, tirava mais ela aí no meio do mundo atrás do pão de cada dia, daqui tinha que procurar mesmo eu ia, ele e eu e outro irmão meu⁵⁸.

Crianças e jovens eram, até os anos 1990, empregados sem distinção de sexo, na roça, na pesca e em outras atividades. Hoje essa realidade pela fala dos entrevistados mudou muito, poucas são as crianças e jovens que saem da escola para trabalhar e ajudar os pais. A família tinha o intento de inseri-los nos serviços de seus pais, isso porque os filhos iriam ajudá-los. Notei que devido à falta de estrutura dessas ilhas e comunidades, muitas crianças se distanciaram da escola. As que a frequentavam iam por pouco tempo, renovando dessa forma, um pequeno ciclo educacional dentro dessas comunidades, ajudando a perpetuar a alta taxa de analfabetismo.

Embora os narradores sejam em sua maioria analfabetos, demonstram grandes habilidades nas técnicas que lhes são vitais para sua sobrevivência, orgulhando-se de ter aprendido a fazer redes de pesca apenas observando os outros ou mesmo sozinhos. Nota-se que essa habilidade em certas comunidades é muito mais do que orgulho próprio, é também

⁵⁸Claucio da Silva Santos. Barqueiro, 34 anos de idade, nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias). Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 22 de Junho de 2013.

motivo de distinção. Este saber/fazer torna a pessoa que o detém, um sujeito distinto, sendo assim respeitado. Dona Tutu, moradora da comunidade Cal, por exemplo, é uma mulher que sabe fazer redes de pescar. Ela conta que a maioria dos pescadores da sua comunidade traz a ela encomenda de caçoeiras, tarrafas e camarãozeiras. Já um pescador de Canárias fala que na sua comunidade, “todo pescador sabe fazer a rede, até porque tem que saber remendar. Mas barco (canoas) poucas pessoas sabem”. Tanto as redes como os barcos são apetrechos caros e que demandam tempo para fazê-los, dependendo do tamanho, no caso das canoas; e do peso, no caso das redes.

Os saberes sobre o tempo nessas comunidades insulares é também um conhecimento muito relevante para o desenvolvimento das atividades de pesca, plantio e extração animal. O tempo é um conceito socialmente construído; tanto sua concepção quanto a divisão são ditadas segundo os interesses e as necessidades dos homens, variando, portanto de sociedade para outra. Thompson entende que as “sociedades industriais maduras de todos os tipos são marcadas pela administração do tempo e por uma clara demarcação entre o ‘trabalho’ e a ‘vida’ ” (THOMPSON: 2005, 276). A divisão complexa de tarefas e a organização e controle do tempo, indicam os novos tempos da industrialização e da urbanização, “por meio de tudo isso – pela divisão e supervisão do trabalho, multas, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das feiras e dos esportes – forma-se novos hábitos de trabalho e impôs-se uma nova disciplina de tempo” (THOMPSON, 2005: 300).

Apartada dessa concepção industrial, nas zonas periféricas, menos dinamizadas pela ação do capital, o tempo é pensado e imaginado de maneira oposta. Ditado pela natureza, o tempo diferencia-se da concepção industrial. Nas comunidades tradicionais, a natureza faz as suas regras temporais, estimulando os homens a se adequarem às mesmas. Senhor Magno, em sua narrativa sobre a água, “aqui (Ilha das Canárias) nós temos seis horas de água doce e seis horas de água salgada todos os dias, ela agora está trabalhando para ficar doce”⁵⁹.

A pesca artesanal é uma atividade regida pelo regime das marés, os pescadores só saem no rio ou no mar quando está no período do dia que eles chamam de “maré alta”. Já

⁵⁹Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-Ma. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 30 de Maio de 2013.

durante a “maré baixa”, as pessoas que se direcionam ao rio vão para pegar camarão com redes de pesca de malhas menores ou mariscos com um instrumento chamado landuá.

Outro exemplo de adaptação e deste entendimento sobre o tempo e a natureza é a observação das marés e dos ventos. Conhecimento bastante relevante para a locomoção das pessoas pelos rios e igarapés, bem como o plantio e a pesca. Isso pode ser percebido na narrativa de Cláudio:

A gente vai dependendo da hora da maré, nós não “trabalha” pela hora não, é pela maré! Se a maré der doze horas do dia você tem que ir doze horas do dia, se der doze horas da noite você tem que ir doze horas da noite. Aí assim vai a sequencia, um dia é doze horas da noite, outro dia é doze e meia, outro dia vai uma hora da manhã, aí vai até amanhecer o dia. Aí vai continuando de novo, a gente marca pela lua⁶⁰.

A medição do tempo a partir da ação natural é uma característica bastante presente em comunidades cuja sociedade não é tão complexa quanto à industrial. Os ilhéus usam a medição do tempo tendo como referência as marés, a fim de exercer suas atividades, pois ela indica quando é a hora de ir pescar, catar o marisco e pegar camarão.

No caso da ilha das Canárias, ela é ainda mais importante. O mar tem grande influência na ilha, durante certo período do dia, os habitantes dessa ilha captam água para o uso doméstico. Eles dizem que lá tem seis horas de água doce, esse é o período correto e propício em que os habitantes das Ilhas das Canárias devem aproveitar para pegar água, após o término desse momento o líquido “ta amargando como sal”.

2.2 Comunidades da Pedra do Sal e Canárias

A água enquanto elemento simbólico e material varia bastante de sociedade para outra, sua imagem é construída histórico e socialmente. Em comunidades pesqueiras marinhas, o mar é compreendido de duas formas: local de onde se retiram os recursos pesqueiros: peixes, moluscos e crustáceos, que são vendidos ou servem de alimento para as populações locais. Esse é o uso físico das águas, onde a pesca é uma atividade corriqueira do homem; e a outra é enquanto apropriação simbólica. Os pescadores veem-no de diversas formas: adversário, companheiro, vilão ou benfeitor. Os homens do mar criaram mitos para

⁶⁰Cláudio da Silva Santos. Barqueiro, 34 anos de idade, nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias). Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 22 de Junho de 2013.

responder a fenômenos que eles desconheciam suas causas, até então esses mitos têm o intento de respondê-los.

Tema pouco estudado no Estado do Piauí, este aspecto da pesquisa visa contribuir para a produção acadêmica ainda incipiente. A ilha das Canárias e seus pescadores, já foram abordados em alguns trabalhos acadêmicos na área de História: (PINHEIRO, 2012; 2013; ROVAI, 2013), no entanto, os pescadores de Pedra do Sal ainda não foram contemplados na historiografia regional.

A Pedra do Sal é uma comunidade praieira pertencente à cidade de Parnaíba-PI, distante cerca de 18 km da sede municipal, localizada na Ilha de Santa Isabel, maior ilha do Delta. O lugar é bastante importante para Parnaíba, pois lá se localiza a única praia da cidade. Nessa comunidade, as pessoas em sua maioria pescam no mar, atividade exercida principalmente e/ou majoritariamente pelos homens.

As mulheres em geral cuidam da casa e dos filhos. Algumas ainda chegam a pescar, mas em lagoas que se formam quando a maré seca ou que enchem no período chuvoso, que se inicia geralmente em dezembro e se prolonga até março. Elas também catam mariscos ou moluscos na praia. Atualmente além da pesca, outras atividades exercidas pelos moradores são o artesanato e os serviços turísticos, já que alguns residentes são donos de bar.

A Pedra do Sal recebe certo fluxo de pessoas vindas de fora, principalmente no período da alta temporada, compreendido como a época das férias de final de ano e de julho. Durante esse período, os donos de bar e pescadores, aproveitam para lucrar, pois muitos pescadores fornecem peixes aos bares. Os pescados são revendidos sob forma de pratos aos visitantes. Durante a alta temporada o preço do peixe fica mais valorizado devido à procura, pressionando assim os pescadores a ficarem mais tempo no mar a fim de trazerem maiores quantidades de peixe.

O termo praiano é uma palavra que os pescadores do referido lugar usam para denominar-se. Os pescadores da praia da Pedra do Sal criaram ao longo dos anos o sentimento de pertença, a cada geração o afeto que os moradores têm para com o lugar se renova. A alcunha que eles usam serve para diferenciá-los das demais comunidades da Ilha Grande de Santa Isabel. Para Bauman a identidade é um conceito includente e excludente. Ao passo que alguém integra uma identidade, ela está renegando as demais. Ela dá

legitimidade e diferenciação das demais pessoas. “Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular — e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar”. (BAUMAN, 2003: 21), assim o termo praiano afirma a identidade local de moradores da Pedra do Sal e exclui os outros habitantes da Ilha.

Já Canárias é a maior comunidade de cinco que fazem parte da Ilha das Canárias. Segunda maior ilha do Delta do Parnaíba, a insula faz parte do município de Araisos, no Maranhão. A maioria de seus moradores sobrevive da pesca. Os pescadores de Canárias se utilizam do rio, lagoas e do mar para obter o pescado e a partir da sua venda obter lucro. Assim como na Pedra do Sal, a pesca em alto mar é trabalho masculino. Nem mesmo todos os homens aguentam pescar lá fora, muitos deles passam mal a bordo e se sentem indispostos, Por considerarem a pesca bastante perigosa e puxada no alto mar, alguns pescam no rio.

As mulheres, de acordo com os pescadores, pescam no rio e nas lagoas, isso porque elas não suportam a pesca marítima. Lá fora, como os moradores do lugar chamam o alto mar, símbolo de um lugar cheio de possibilidades, onde pescar representa luta e liberdade, acompanhada de medo e gosto pelo ofício.

Ao trabalhar com a memória, observei os fenômenos comuns a todos ou experiências individuais. As narrativas relatam fenômenos por eles vividos. Para Pollak (1992), os acontecimentos não são os principais atores, pois a memória também “é constituída por pessoas, personagens” (POLLAK, 1992: 2). Esses acontecimentos são narrados pelos sujeitos que os viveram ou apreendido pelas gerações posteriores por meio da memória herdada.

Os pescadores tanto de Canárias quanto de Pedra do Sal, contam histórias que lhes ocorreram, experiências e fenômenos, alguns deles vividos, já outros lhes foram transmitidos oralmente. Operações comuns no percurso da constituição da memória parcialmente herdada que “não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo exposta” (POLLAK, 1992: 4). Algumas histórias contadas foram repassadas a eles por pais ou por outros pescadores. A pesca, além de apropriação do recurso marinho, é ainda lugar de sociabilidade e trocas de saberes.

O território bastante particular, que é o Delta do Parnaíba, engendrou saberes/fazeres únicos que são repassados pela oralidade. Os pescadores são sujeitos que possuem vasto conhecimento sobre o regime das marés, tempo climático, taxonomia dos peixes, bem como os seus hábitos e pesca. Suas observações e experiências, além da memória e dos ensinamentos herdados, formam o conjunto de saberes imprescindíveis para a atividade pesqueira.

Além do conhecimento empírico, eles criam mitos ou explicações para os fenômenos, “as explicações para tais fenômenos também passam pela representação simbólica e pelo imaginário dos povos do mar”. (DIEGUES, 1998: 61) Essas explicações são as apropriações simbólicas que os pescadores obtêm do plano material. O mito “dá ao homem a ilusão, extremamente importante, de que ele pode entender o universo e de que ele entende, de fato, o universo”. (LÉVY-STRAUSS, 1978: 28) No contexto pesqueiro, os mitos são as respostas que os pescadores criaram para as questões que eles não entendiam ligadas à pesca. Assim a sorte de pegar uma grande quantidade de peixe, ou de salvar-se durante algum acidente, ao passo que está ligado aos conhecimentos do pescador, tem como fator ainda a religiosidade, ou seja às bênçãos que os pescadores recebem, assim como o lugar que os protege.

2.3 Pesca em Pedra do Sal e Canárias

O cotidiano dos pescadores das duas comunidades pesqueiras é quase o mesmo. Durante o inverno, os pescadores procuram pescar na costa. Já no verão a pesca é realizada no alto mar. Nesse período do ano eles saem cedo de casa, ainda na madrugada, e se lançam no mar, retornando só no final da tarde. Na comunidade Canárias, os pescadores saem mais cedo do que os da Pedra do Sal para despescarem, retornando às nove horas da manhã para suas casas.

Depois do almoço, por volta de 13 horas, eles vão mais uma vez para o mar, despescar novamente, voltando para casa apenas no fim do dia. “Quando a gente pesca no mar, a gente sai quando as marés já são maré de lua. A gente sai bem cedo daqui”⁶¹. É

⁶¹Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araisos-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 30 de Maio de 2013.

interessante atentar aos dois termos usados na pescaria: pescar e despescar, palavras que possuem significados diferentes no contexto pesqueiro. Pescar é o ato de ir em busca do peixe; é ir lá fora e trazer o peixe, seja ele com linha ou caçoeira, logo é uma apreensão imediata do recurso marinho; já despescar é a ação de extrair os peixes já capturados de alguma rede, caçoeira, grosseira ou espinhel. O pescador vai ao mar e coloca as armadilhas, retorna depois, para ver o que conseguiu apreender.

Obedecendo o tempo natural, “nas Canárias o pescador sai por maré. Quando a maré dá certo para você sair para o mar, você leva um pouquinho de rancho numa cumbuquinha, entendeu, com um pouquinho d’água noutra cumbuquinha e vai pro mar”⁶². Partem levando consigo alimento e água.

Os pescadores de Pedra do Sal, “às vezes saem no clarear do dia e chega no fechar da noite. Isso se chama um dia de pesca. Que no caso é seis da manhã, até seis da tarde”⁶³.

Em ambas as comunidades, os utensílios para a pesca marinha são anzóis e redes que variam de tamanho, correspondendo à medida do peixe. A pescaria constitui uma atividade dinâmica e modificável. “A gente começou a pescar com o anzol, aí depois do anzol, apareceu as redes. E depois das redes, as tarrafas. A gente não usava outros tipos de pescaria, eram só esses três”⁶⁴.

Cada um desses aparelhos é utilizado em diferentes técnicas, com horários de saída e chegada distintos. Mas sempre obedecendo a maré, “era a maré que lhe dominava, de acordo com a situação que era para pegar as iscas, para a gente pescar o peixe grande”⁶⁵. Com o passar dos anos, novas técnicas e formas de capturar o pescado foram aparecendo e se desenvolvendo a partir de materiais já existentes, como novos tipos de redes.

Os anzóis se modificam atendendo o tamanho dos peixes. Para a pesca de camurupim, esse apetrecho é maior devido à envergadura e porte do animal. Um dos tipos de pesca que atualmente são bastante praticadas por esses pescadores são a pesca de

⁶²João Goberto Reis. Pescador aposentado, 53 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araiões-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 22 de Junho de 2013.

⁶³Irineudo Nascimento dos Santos. Pescador, 35 anos. Nascido em Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 04 de abril de 2014.

groseira⁶⁶ e a de espinhel. Em ambas as técnicas, os pescadores ficam embarcados e após a colocação das iscas, lançam todos os anzóis ao mar. A diferença básica entre a pesca com groseira e espinhel é que na primeira, a linha com os anzóis submergem, pois a linha contém um peso que a faz afundar; essa pesca é muito usada para a captura de tainha. Já na pesca de espinhel, as iscas ficam na superfície d'água, de acordo com um dos pescadores, a linha possui boias. Tal utensílio é o mais usado para a captura de camurupim.

As canoas usadas para a pesca lá fora são mais largas e maiores do que as usadas para a pesca nos rios, a justificativa seria porque a força das águas marinhas pode virar uma embarcação menor. As embarcações da Pedra do Sal são atualmente equipadas com quatro boias que são presas à canoa por uma corda. O pescador Irineudo, narra para que serve esse aparelho.

A pesca no alto era perigosa. Na época a gente não usava boias nas canoas. As canoas todas eram simples. Hoje a gente já usa boia para a sobrevivência. No caso da alagação, as canoas não afundam mais. Elas ficam em cima d'água. Naquela época a canoa afundava, então o pescador, só agradecia a Deus, a todos. Se despedia e morria. Se alguém não passasse. Nenhuma embarcação passasse por perto, pronto⁶⁷.

A partir das falas é possível deduzir o mar como um lugar hostil. Campo de possibilidades, ele pode prover tanto o alimento e à vida, quanto à morte dos pescadores. Essa inovação tecnológica na embarcação, de acordo com o narrador, fez com que diminuísse o número de incidentes de morte por alagação em sua comunidade. A pesca em si, também esconde perigo. A técnica usada por eles se não aplicada corretamente pode causar acidentes, como o que o pescador das Canárias, Zé Maria, mais conhecido em sua comunidade como Zé Miguel relata:

Ali tem um rapaz, que arrancou esse dedo inteirinho, ficou só um pedaço. Naquela hora que você vai soltando a rede, a velocidade é tão grande quando o mar pega a canoa. Ai a puxa da rede são 50 braças de cada. Aí o cabra deu, passou assim no dedo dele. Pronto! Aquilo ali é tudo no momento, como se fosse um relâmpago, já foi⁶⁸.

⁶⁶ O instrumento é composto por uma linha central, que neste caso é longa, de onde partem diversas linhas secundárias com anzóis na ponta e que podem chegar ao número de 200.

⁶⁷ Irineudo Nascimento dos Santos. Pescador, 35 anos. Nascido em Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 04 de abril de 2014.

⁶⁸ José Maria da Costa. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 20 de Abril de 2013.

A fala do colaborador indica os riscos da pesca. A rede decepeu parte do corpo do pescador, não só o corpo foi afetado com o acidente, mas também sua vida, ele trará para sempre a lembrança registrada em seu corpo. O oceano é moradia e campo de vários perigos, como os animais marinhos e as fortes ondas e ventos. “Caiu um vento de terra e prendeu as águas na ribanceira do mar. A canoa não suportou o mar, porque ele era grande, aí amarremos as coisas”⁶⁹.

Os ventos fortes e o mar causam aquilo que os pescadores chamam de alagação. A alagação é quando entra água na canoa. Para evitar que a canoa afunde com o peso da água que se acumulou no interior do barco, os pescadores usam um utensílio chamado “coité”, e com ela “disgotam”, retiram o líquido da canoa.

Além da temida alagação, há a ameaça de virações, quando a canoa vira. Imenso perigo, pois a violência das águas salgadas cansa o pescador ao tentar nadar. Quando ocorre alguma viração, os pescadores costumam virar a canoa com o casco para cima e ficam respirando debaixo dela. Acidentes são constantes na pescaria, ouvi histórias tanto de alagações e quanto de virações. “Tem muita alagação feia aí fora”⁷⁰.

Outro fenômeno natural é a chamada “bomba d’água”. A bomba d’água, de acordo com o relato do pescador da Pedra do Sal Irineudo, se forma pela força dos ventos, proveniente de uma tempestade que se forma no mar.

“Às vezes a gente está afundiado, parado e de repente faz aquele temporal. Vem muita chuva, só que às vezes, vem mais é vento. Aí forma aquilo que o pessoal chama de bomba d’água. Ela cai no mar, a água sobe, vai tudo para cima. É a coisa mais feia do mundo. Se pega numa canoa, alaga, quebra, faz danação”⁷¹.

⁶⁸ Antônio Campos da Graça. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araiõeses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 22 de Junho de 2013.

⁷⁰ Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araiõeses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 30 de Maio de 2013.

⁷¹ Irineudo Nascimento dos Santos. Pescador, 35 anos. Nascido em Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 04 de abril de 2014.

Em forma de redemoinho que surge no mar, essa força natural causa espanto e temor. Os ventos e as águas da chuva que vêm por meio de tempestades, ou as fortes ondas, são apenas uma das várias adversidades que os pescadores do alto mar enfrentam.

Alguns animais marinhos, como o tubarão, causam temor aos pescadores. Outros como o peixe-espada, denominado pelo Senhor Totonho de “peixe-príncipe”, representa um prêmio pela bravura, capturá-lo era um triunfo para os pescadores. “O espadarte⁷² era o peixe-príncipe da nossa praia [...] é chamado de peixe-príncipe, porque era o mais cobiçado por todo pescador que tinha vontade de pegar um”⁷³.

De acordo com o colaborador, esse peixe era vendido, mas não valia muito. Ele servia mais como prêmio para o pescador do que como busca de lucro. Devido a sua beleza, “o bichão era bonito mesmo!” Ele atraía o desejo do pescador de trazer um espécime para casa. Percebe-se que, a exuberância do peixe servia de convite para pescá-lo, pois trazia *status* ao pescador; aquele que conseguia matar o espadarte, ficava conhecido dentro da sua comunidade pelo feito.

O colaborador atesta que ele mesmo conseguiu pegar 225 kg do peixe. O espadarte, não existe mais na ilha das Canárias devido às embarcações motorizadas que transportavam e ainda transportam pessoas. Alguns pescadores têm canoas movidas a motor para pescar no rio ou no mar, dificultando ainda mais o aparecimento desse animal.

Na Pedra do Sal, o peixe mais admirado é o camurupim⁷⁴. Animal marinho de grande envergadura, ele é o peixe mais cobiçado pelos pescadores daquele lugar⁷⁵. Tão cobiçado que existia uma espécie de comemoração quando algum pescador conseguia capturar um exemplar.

⁷² Espadarte ou peixe-serra, o *Pristis Perotteti* é encontrado na APA Delta do Parnaíba. É um peixe cartilaginoso de grande porte, já foram encontrados exemplares medindo até 7 metros. Possui esse nome devido a uma expansão rostral em forma de serra com cerca de 13 a 22 dentes em cada lado. De acordo com informações achadas na rede, é uma espécie que está criticamente em perigo.

⁷³ Antônio Campos da Graça. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araiões-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 22 de Junho de 2013.

⁷⁴ *Megalops atlanticus*. É um peixe costeiro, encontrado em maior quantidade nos litorais da região norte e nordeste do Brasil. Podendo chegar aos 2,50 m e pesar mais de 100 quilos. Sua pesca demanda força, devido a envergadura do animal, sua carne é bastante apreciada no país. Pelos relatos, esse peixe está ficando cada vez mais raro nas águas da Pedra do Sal. Para maiores informações conferir o site. http://www.pescanordeste.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=123&Itemid=1. Acessado em 21 de Janeiro de 2014.

⁷⁵ Em outubro de 2013 foi ao ar uma reportagem sobre o Delta do Parnaíba. De autoria da Rede Globo de televisão, uma das partes da matéria filmou a pesca do camurupim, vale conferir em http://www.pescanordeste.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=123&Itemid=1. Acessado em 13 de Janeiro de 2014.

Se alguém matasse, na época do camurupim. Era festa. Se matasse dez camurupins, tirava o capote. A carne era vendida, e o espinhaço é que ia se comer. Era festa quando se pegava um peixe desses[...] pegava um litro de cachaça e botava na boca do peixe. Empurrava a garrafa lá para a tripa dele. Quando ia concertar, ia beber junto com os outros. O litro todo melado de sangue, e ia beber⁷⁶.

O próprio colaborador entende essa festividade como um ritual. Ele o denomina de “Sangue do Peixe”. O ato de pescar o camurupim era uma vitória pública e coletivizada com os demais pescadores, pois mesmo que somente um sujeito capturasse o peixe, todos “iam comemorar”. Participar desse ritual era, antes de mais nada, “saborear a emoção do outro”. Em sua fala, ele indica que essa tradição se perdeu no tempo.

Para se pegar esse animal, necessitava ter força física e bravura. Pela fala do colaborador Irineudo, é “um peixe muito cheiroso”. Ele atrai o tubarão, animal marinho que causa temor para os pescadores. “A pesca do camurupim e do pargo é uma das mais complicadas”. Alguns estudos científicos já foram realizados, e de fato, o principal predador do camurupim em fase adulta é o tubarão. Esse peixe carnívoro costuma disputar com os pescadores o tão almejado camurupim. Muitas vezes quando esses homens conseguem capturar algum espécime, ele se encontra já devorado pelo seu predador natural.

Além dos perigos naturais, existe ainda a limitação do corpo, nem todas as pessoas se dão bem nessa atividade, mesmo os pescadores de água doce, sofrem ou temem a pesca no alto mar. O pescador de Canárias, Totonho discorre sobre as dificuldades que os pescadores marítimos enfrentam. “Meu filho, lá dentro daquele mar só a gente sabe o que a gente passa ali dentro! ... O cara vê a gente chegar com o monte de peixe daquele... Ê, rapaz, a coisa tava boa! Tava rapaz, tava boa! Você passa sufoco lá dentro! ...”

Já outro colaborador da mesma comunidade, Zé Miguel, explica o porquê de não conseguir pescar em alto mar, como os demais pescadores. “Eu pesco no rio. No mar eu não aguento pescar não. Fui só uma vez. Mas meu intestino num aguentou, rapaz. Eu vomitei demais, oh. Eu vomitei tanto que tava vomitando sangue purim, não tinha mais nada”.

⁷⁶ Irineudo Nascimento dos Santos. Pescador, 35 anos. Nascido em Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 04 de abril de 2014.

Os perigos da pesca são amenizados pela rede de solidariedade existente entre os membros da comunidade. Tanto em Canárias quanto em Pedra do Sal, há o sentimento de alteridade. Os moradores têm estreitos laços de ajuda mútua e proteção. Os moradores ajudam uns aos outros na pesca, ao final do dia, eles repartem os peixes obtidos. Esses moradores se auxiliam quando um problema assola algum companheiro.

O vínculo de proteção e o sentimento de pertença é o elo que faz com que os moradores dos dois lugares em questão se ajudem. Os sujeitos dessas comunidades se orgulham dos demais moradores, porque sabem que podem contar quando precisam de ajuda. Contudo, esse vínculo afetivo está se perdendo aos poucos nas duas comunidades. “Os pescadores de hoje, aqui em Canárias já não são tão solidários como antigamente, porque o tempo do bom peixe acabou-se”.

A grande pressão que os pescadores sofrem para atender o mercado consumidor faz com que eles concorram entre si. A fartura do pescado, ao longo dos anos vem decaindo por causa do aumento populacional nas maiores ilhas. Os lucros dos pescados vendidos, de acordo com senhor Totonho, não conseguem cobrir as necessidades dos pescadores. Segundo esse narrador, “tudo que você compra é mais caro que aquilo que você vende”.

A pesca é uma atividade bastante dinâmica, marcada pela mutação que sofre ao longo do tempo. Notou-se pelas entrevistas que as técnicas, a cultura material e o meio ambiente, são constantemente modificados. O mar, *locus* primordial para o pescador, é um território que sofre com a degradação ambiental. A poluição da água marinha atinge diretamente os peixes, por conseguinte, a diminuição da quantidade das espécies ou o tamanho destas faz com esses homens naveguem cada vez mais mar adentro em busca de pesqueiros. Essas incursões, cada vez mais distantes da costa, fazem com que eles arrisquem suas vidas.

2.4 Mar e seus perigos

No mar, é obtido o pescado. Peixes de vários tipos e tamanhos são retirados do oceano em uma labuta quase diária, e vendidos. Os peixes da Pedra do Sal, são vendidos nos mercados de Parnaíba-PI; os da comunidade Canárias, são vendidos lá mesmo para atravessadores e depois levados à Parnaíba ou regiões vizinhas.

A imensidão azul é espaço de elaborações mentais. “Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos [...] o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte”. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007:592) Diegues, diz que a pesca não é apenas uma atividade natural e uma apropriação dos recursos pesqueiros; o mar perpassa a paisagem física e se inscreve no plano mental.

A maritimidade é o nome do conjunto de elaborações e simbolismos que as sociedades pesqueiras desenvolveram. Ela é o “conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e, sobretudo simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo (DIEGUES, 2003: 1). O conceito de maritimidade está intimamente ligado ao mar, não apenas como apropriação física, mas simbólica. De acordo com Diegues, nem sempre uma comunidade pesqueira desenvolve essa percepção simbólica do espaço marinho.

Algumas sociedades marítimas percebem o mar como obstáculo para a comunicação com o mundo exterior; já outras o utilizam como meio de comunicação com as áreas vizinhas. Canárias e Pedra do Sal veem o mar como via para acessar diversas áreas pesqueiras. Os pescadores dessas duas comunidades se distanciam de suas praias e vão pescar na costa de ilhas ou locais mais distantes.

Aqui, em Canárias, às vezes, eu saía e ia pescar na Tutoia. Daqui ficava mais fácil e eu ia pescar lá. Nós saíamos daqui quatro horas e ia pescar lá. Ficava lá dez dias, quinze dias. As canoas vinham carregadas todo dia. É longe, mas a Tutoia é um lugar bom também⁷⁷.

Os pescadores veem o mar como lugar que possibilita o seu deslocamento para buscar outros lugares mais ricos em recursos pesqueiros. No entanto, essa visão não é comum a todas as sociedades.

O elemento básico da sociedade insular não é a presença física do mar, mas as práticas sociais e simbólicas desenvolvidas em relação ao mar, representado pelos ilhéus de várias maneiras: obstáculos, e também

⁷⁷Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araiões-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 30 de Maio de 2013.

caminho para o contato com outras sociedades, espaço de trabalho e de representações simbólicas. (DIEGUES, 1998: 39-40)

Durante a história humana, o mar para os ocidentais foi representado como lugar tenebroso; Alain Corbin (1988) faz um estudo sobre o imaginário marinho e a praia. Ele diz que o mar era representado na bíblia como abismo e moradia de monstros, local insalubre para a existência humana, é de lá que a besta do apocalipse cristão irá surgir.

Já na antiguidade clássica ele foi representado “pela irrupção possível do monstro, pela incursão brutal do estrangeiro, seu equivalente; lugar natural da violência inesperada, constitui o palco privilegiado do rapto” (CORBIN, 24: 1988). Com o passar dos anos, novos discursos remodelam a imagem do oceano, passando de lugar perigoso e habitação de monstros a espaço de saúde para os curistas do século XVIII.


Nas duas comunidades estudadas, o mar com sua infinidade causa medo não só pelos vários perigos já percorridos, mas pelo perigo mais fatal: o medo de morrer afogado. “O mar é lugar de perda, de falta. Perda radical, risco de vida. Morte. Separação. Falta de peixe”. (LABERGE, 2000: 57) Riscos inúmeros que impressos no cotidiano do pescador, lhes rendem sabedoria, histórias e, acima de tudo, cicatrizes em seus corpos e marcas em suas memórias.

O pescador João Goberto pesca desde os doze anos de idade, ele conta que, “lá no mar é como um cemitério, você só vai falecer, e você não sabe se encosta ou se enterra num cemitério”. A comparação que ele faz representa o medo de morrer afogado, sua fala denota o mar enquanto “campo perigoso”. Em Canárias, nenhum dos colaboradores afirmou que algum pescador morreu em alto mar. “Aqui na nossa baía (Canárias), nunca morreu gente” Ao analisar ainda a narrativa deste pescador, entendi que a decomposição do corpo traz pavor a esses homens. Ainda usando o relato de João Goberto ele afirma já ter encontrado gente morta boiando nas águas salgadas, “eu mesmo já encontrei gente morta aqui (Canárias), que vem da Barra Grande, já sepultei gente morta aqui, mas conosco não, nunca aconteceu isso, Graças a Deus”. Os corpos inertes que ficam à deriva no mar geralmente se encontram, “faltando o braço, a perna, o pescoço”⁷⁸, pois “tudo o tubarão comia”⁷⁹.

⁷⁸Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araiões-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 30 de Maio de 2013.

⁷⁹*Idem.*

Já na Pedra do Sal, pescadores já morreram sim, mas atualmente é muito difícil algum perecer em campo. As histórias que os indivíduos de Canárias conhecem geralmente mostram que algumas pessoas morreram afogadas, mas nenhuma delas era das suas respectivas comunidades. Sempre “era gente de fora”. Os pescadores da referida comunidade afirmam que lá é a barra mais perigosa para se pescar, no entanto, mesmo com tanta periculosidade, nunca ninguém morreu. Provavelmente usam esse discurso para se protegerem, tendo em vista que a morte de um pescador exercendo seu ofício poderia gerar vergonha para a comunidade.

Ao relatar suas histórias e a luta no alto mar, os pescadores entrevistados passavam e construíam imagens de homens fortes e corajosos. Em um esforço de construir uma imagem positiva de si, comungo com o pensamento de Benjamin. Ao falar de narrativa ele compreende que a narrativa tem muito da subjetividade e do lugar social do narrador “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994: 09).

Narrar é falar de experiências passadas, são vivências de um tempo decorrido, pensadas no presente. Faz parte da oralidade, as subjetividades, as marcas que o colaborador constrói de si. Partindo desse pressuposto, o desempenho dos pescadores e a imagem que passam pela fala são bastante compreensíveis. O mar, pela violência de suas águas, é território de virilidade e bravura, onde o medo é um sentimento que não ajuda no ofício. Desde a antiguidade, navegar no oceano era uma aventura que requeria coragem. O retorno para casa era a marca de um feito notável, ação atribuída a heróis.

Embora haja o medo de “pescar lá fora”, é no alto mar que esses homens ganham sua vida. O medo é misturado ao prazer de navegar nas águas salgadas. A água é “um símbolo cheio de significados, ambivalências (ou oposições), salienta-se que ela não só representa a virtude, a beleza, a liberdade e a purificação; é, ao mesmo tempo, fonte de criação e de destruição, vida e morte” (CUNHA, 2000: 20). “É tão bom passar o dia lá fora! No dia que a gente não sai, fica com saudade de ir. Por lá a gente se alaga, pega alagação, pega pancada de todo jeito”⁸⁰.

⁸⁰Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 30 de Maio de 2013.

Morrer afogado, longe dos entes queridos, assusta tanto os pescadores que vão para o mar, quanto as suas esposas que ficam em casa, temerosas de que aconteça o pior. Alguns acidentes relatados não têm a morte como desfecho, mas a salvação dos pescadores. As narrativas ilustram alagamentos e virações. Mesmo alguns mais sérios, como o de um grupo que ficou à deriva no mar por uns dias:

Aqui, os meninos pegaram uma alagação cinco horas da manhã. Quando foi no outro dia, três horas da tarde - passaram a noite fora - três horas da tarde pegaram aqui, já perto do Camocim. [...]. Dois saíram numa bichinha, da grossura desse pau aí, já bem pertinho da Pedra do Sal, na boca da Amarração. De noite, passaram a noite com sede [...], e eles aparavam a água com uma cuia para beber. Os pescadores vinham e pegaram dois. Eles perguntaram de onde eram. “Rapaz, nós somos das Canárias”. [...] não morreu nenhum, *não encostou nenhuma barata d’água para roer um homem desse* e é assim. Morrer gente aqui de pescaria, morrer afogado, nunca!⁸¹ (Grifo meu)

Os pescadores se orgulham do lugar que moram; esse ao que parece os protege contra os males que o mar pode causar às suas vidas. Chamou minha atenção a parte da narrativa que o colaborador diz, não ter encostado “nenhuma barata d’água para roer um homem desse”, essa a fala indica um dos motivos da morte por afogamento trazer tanto medo. O corpo com o passar do tempo incha, acelerando a decomposição. Os animais marinhos, como a barata d’água, como ele mesmo fala ou outros, tais como o tubarão, se assemelham a monstros marinhos da mitologia clássica. Cila, monstro marinho que na mitologia grega devora os homens que passam de barco no estreito de Messina, região entre a Sicília e a Itália. “O monstro itiófago, devorava os homens, causando uma morte que fazia desaparecer o corpo de um modo selvagem e o privava de toda a humanidade, porque impedia a sepultura das cinzas com a sublimação do luto: os peixes devoravam os homens” (DIEGUES, 1998:138-139). Tal como Cila, o tubarão é um ser que devora carne humana, para os pescadores, ele é uma figura terrível, pois é “uma ameaça para todo ser vivo”.

O pescador Totonho, apresenta um relato em que o tubarão representa perigo à vida humana. “Quantas vezes, noites e noites, se alagava dentro do mar numa canoa

⁸¹*Idem*

daquela com medo do tubarão! ”⁸² Já Irineudo, narra um dia em que um grupo de conhecidos seus se surpreenderam com um animal e pensavam que se tratava de um tubarão: “Todo mundo tinha medo. Dizendo que era um tubarão, e na verdade, era uma baleia cachalote” ⁸³. No caso da alagação, como ilustra a narrativa de seu Totonho, o tubarão é compreensível dentro do complexo imaginário desses sujeitos. Esse peixe carnívoro, como atesta um dos pescadores, quando sente a presença de qualquer movimento, “vem saber o que é”.

O mesmo oceano, que causa admiração aos pescadores, respeito e dádivas, também provoca medo pela sua instabilidade. São as várias possibilidades que trazem receio para os que vão pescar no alto mar. “O oceano hibernal cinzento, lúgubre e frio, sintetiza as formas do medo; alimenta o temor de sermos surpreendidos pela morte imprevisível privada dos últimos sacramentos, longe do círculo familiar; de sermos, corpo e alma entregues sem sepultura a essas ondas infinitas que não conhecem nenhum repouso” (CABANTOUS *Apud* CORBIN, 1989:18).

É na peleja entre a vida e a morte, que os pescadores de alto mar forjam suas identidades.

Eu era tão pequeno na época que eu comecei a pescar que quando o mar vinha dentro, logo eu me segurava na canoa e soltava o remo dentro d'água, por que não tinha nem ideia de botar o remo na canoa, por que quando a pessoa começa a pescar, quando o mar vinha, o cara botava o remo na canoa, eu não, botava o remo n'água e o remo ia embora, com medo e me segurava na canoa de tão pequeno era, com doze anos de idade [...] essa época para mim foi uma época muito difícil, porque eu tão pequeno e ia enfrentar um alto mar desse aí; eu não sabia nadar, eu não tinha nem vocabulário nem para fazer nada na minha vida. Mas como eu via todo mundo ganhando seu dinheirinho, eu também queria ganhar⁸⁴.

Notei, no entanto, que embora o perigo de pegar uma “alagação” fosse eminente, este medo é misturado com outros sentimentos, entre eles a emoção de sair de casa e pegar o peixe, conforme demonstra o senhor Magno: “tem muita alagação feia aí fora. Mas é

⁸²Antônio Campos da Graça. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, no dia 22 de Junho de 2013.

⁸³Irineudo Nascimento dos Santos. Pescador, 35 anos. Nascido em Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 04 de abril de 2014.

⁸⁴João Gilberto Reis. Pescador aposentado, 53 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 22 de Junho de 2013.

assim “mermo”, no dia que a gente não ia, tava desempaciente, ficava zangado com os outro que não queriam ir. É senhor, a vida é assim, vida do povo daqui, é pescaria”⁸⁵.

Antônio Carlos Diegues, ao estudar o mar através das representações e simbolismos, diz que a “vida no mar é também marcada não só por contingências naturais, mas também por temores e medos, acidentes e naufrágios, pela flutuação dos preços” (DIEGUES: 1998 47).

Outros aspectos a serem levados em conta são: o território bastante hostil e a violência das ondas que batem na canoa, causando temores. Segundo os narradores, as pessoas que não estão acostumadas, sofrem enjoo e mal-estar, causado devido ao balanço frenético da canoa. Estes são um dos motivos de fazer esse estilo de pesca impraticável, para alguns.

Percebe-se, que as representações sobre o mar são dúbias. Os discursos dos colaboradores afirmam que a pesca marítima é um trabalho que renderia lucro e ao mesmo tempo a possibilidade de um acidente, para o pescador Jean, “a necessidade fala mais alto”. O mar pode ser simbolizado tanto como um companheiro e cúmplice na pescaria quanto um vilão instável, que possivelmente poderia tirar a vida de algum pescador. Meio ambiente que propicia a essas pessoas o seu sustento, o mar é simbolizado por esses pescadores de forma fatalista.

Gosto de pescar! Muito! Mas não no mar. Lá fora no mar não é minha praia não. Por causa do banzeiro. Lá é muito pesado! É muito violento! Tem muito vento né?! A minha pescaria é na água doce e pega uma “partizinha” na água salgada, mas já é na beira de praia mesmo, não é fora no mar não⁸⁶.

Observou-se que a pesca marinha é uma atividade exclusivamente masculina, poucas mulheres se aventuram no mar bravo. Sobre isso, na Ilha das Canárias, o senhor Goberto afirmou:

⁸⁵Magno Cardoso de Freitas. Pescador aposentado, 81 anos. Nascido na comunidade Canárias (Ilha das Canárias), Araióses-MA. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 30 de Maio de 2013.

⁸⁶Zilmar Ribeiro dos Santos, 60 anos, pescadora aposentada e dona de casa. Nascida no dia 19 de julho de 1953 no povoado Cal, na época município de Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 07 de Outubro de 2013.

Não! aqui para “nois”, em Canárias não. Tem mulher na pesca sim, mas no nosso ramo de vida, de pescar no mar não. Elas pescam o caranguejo, pescam o siri, pescam o sururu, pescam o camarão, pescam o bagre de linha, aqui tem. Lá no alto mar não!

A fala do colaborador mostra o mar como local e domínio masculino. O mar perigoso é espaço de heroísmo, de luta com e contra a natureza. As mulheres entrevistadas, em sua maioria, pescam. No entanto, mesmo as “praianas” da Pedra do Sal e as moradoras da Ilha das Canárias, realizam esta atividade em lagoas, rios ou na praia. Como afirma Diegues:

Em muitas sociedades tradicionais a água salgada do mar é considerada perigosa, ao passo que as águas correntes dos rios, riachos e fontes são considerados benefícios de vida. Em algumas comunidades de pescadores litorâneas a água do mar é viva e pura, ao passo que as águas das lagoas são mortas e impuras. (SILVA *Apud* DIEGUES: 2007, 5).

Simone Maldonado (1986), afirma em seu estudo sobre a pesca marinha, que as mulheres eram impedidas de pescar no mar devido uma explicação sobrenatural: elas trazem má sorte e fazem o mar revoltado e a pesca minguar. Porém, nas narrativas dos pescadores entrevistados, eles não afirmam isso, a explicação que dão, é algo bem mais física: para eles, as mulheres não conseguem suportar a pesca marinha.

O mar é visto de forma fatalista. Ele é um território que provém e que também representa perigo fatal. Moradia de animais fabulosos que causam admiração e terror; é espaço de luta pela sobrevivência. Se o oceano não lhes deu alimento resta ao pescador apenas rezar e ter fé. Fé essa que faz com que esses homens enfrentem distâncias de até 25 quilômetros mar adentro em busca de seu sustento.

3 “Indústria sem chaminés”: turismo e ressignificação do Delta do Parnaíba

A índia Intã, era uma índia Tremembé, (...) vivia na Ilha Grande de Santa Isabel, na bonita praia, Pedra do Sal. Intã adorava o mar, a beleza da natureza e gostava de caminhar pela praia deserta (...) num desses passeios(...) encontrou desmaiado na praia, o naufrago: de cor branca, cabelos longos e loiros, sua formosura logo a encantou, (...) passou a chamá-lo de Ará⁸⁷.

(Lenda do Morro Gemedor)

A “praia deserta”, registrada pela memória popular nas últimas décadas, tem passado por um processo de ressignificação. A pergunta norteadora desse capítulo é, qual o lugar do Delta do Parnaíba durante o período? Na década de 1980, o Nordeste brasileiro foi alvo de ações do governo federal que visavam à dinamização econômica da região. No *Plano Nacional de Desenvolvimento* de 1975-1979, essa ideia foi proposta visando várias iniciativas, tais como a descentralização de indústrias do eixo Rio-São Paulo e investimento na agricultura e pecuária. Além disso destaca “o esforço do turismo interno e externo”. Consta na Estratégia de Urbanização para o Nordeste do referido documento o seguinte trecho: “A ordenação da orla marítima, preservando-se o patrimônio histórico e valorizando-se a beleza paisagística, com vistas ao desenvolvimento do turismo interno e nacional”. Logo, essa atividade era uma proposta contida no projeto político para o desenvolvimento da região.

Por meio do turismo algumas pessoas tiveram oportunidade de trabalho e a experiência de mudar de vida, seja para melhor ou para pior. A região tem a maior costa do país, são 3.306 km de praias paradisíacas com verdes mares e areias brancas com um diversificado ecossistema. É encontrado ao longo dessa faixa, mangues, restingas, recifes de corais e remanências da Mata Atlântica. O clima tropical e a culinária própria são os atrativos que a região ofereceu para os visitantes, tanto brasileiros vindos de outras regiões,

⁸⁷ Lenda do Morro Gemedor. Disponível em <http://www.pi.sebrae.com.br/guiaturismo/piaui/piaui-atrativos-manifestacoesulturais-lendas.html>. Acessado em 16 de Junho de 2013.

quanto estrangeiros. A propaganda publicitária enaltecia e mostrava um lugar para o descanso e lazer, foi “o canto da sereia” que atraiu diversas pessoas para o litoral nordestino, repleto de praias desertas a serem exploradas.

As áreas litorâneas, principalmente, começaram a ser divulgadas pelos meios midiáticos. Com tais mudanças, surgiram estruturas capazes de atender a clientela, dessa maneira são formadas redes de resorts e hotéis de luxo. Os habitantes foram incorporados ou excluídos nessa lógica de serviço e começavam a estudar com o fim de servirem de atendentes em restaurantes, guias turísticos, camareiras, e desenvolverem outras atividades no ramo turístico. Assim a “praia deserta”, povoada apenas por comunidades de pescadores e frequentada por poucas pessoas, aos poucos foi dinamizada, entrando em uma nova conjuntura político e social, baseada no capital e na exploração turística e econômica das paisagens.

3.1. Turismo, Parnaíba e o Delta: ressignificações e representações.

No Delta essa alteração também foi sensível, percebida de duas maneiras: uma de forma mais direta, quando o Delta começou a ser explorado como lugar de turismo e renda, transformando o cotidiano e as vivências de seus habitantes. A outra foi de maneira indireta, a cata do caranguejo, atividade que antes era de pouca importância na vida dos trabalhadores tradicionais, começou nesse período a ser importado, principalmente à Fortaleza, para abastecer os restaurantes da capital cearense.

Em sua monografia de conclusão de curso, Daniel Braga discutiu a atividade da cata de caranguejo na Ilha Grande de Santa Izabel. As pessoas que ele entrevistou afirmavam que os seus pais e avós usavam a “cata do crustáceo como uma forma de adquirir alimentação rápida, ou complementação da renda familiar e, não como uma forma de enriquecimento” (BRAGA: 2013, 39).

Um dos colaboradores por mim entrevistado também afirma a irrelevância econômica do caranguejo em sua vida antes de sua valorização. Ele fala que ia pegar caranguejo apenas para almoçar quando fosse à roça. Ao discorrer sobre como ia para uma das ilhas em que trabalhava, ele diz:

A gente ia de canoa, no remo, às vezes “correndo na vela”. Ia no remo e voltava na vela, porque de lá para cá, do meia dia para tarde a “viração da

água” era melhor e aí a gente vinha [...] passava o dia com um pedaço de rapadura, um pouco de farinha, ou um caranguejo que arrancava por lá e cozinhava, ou um siri que assava também, naquele tempo tinha muita produção de siri, de caranguejo, de tudo viu.⁸⁸

A cata do crustáceo era tida antes do advento do turismo pelos habitantes da Ilha de Santa Izabel como atividade irrisória. O caranguejo era um recurso bastante abundante assim como outros tipos de crustáceos, no caso o siri e o pescado. *O Almanaque da Parnaíba*, datado do ano de 1996, traz uma matéria sobre o Delta do Parnaíba, informando sua localização bem como configuração socioambiental. “O ‘apanhador de caranguejo’ e o ‘pescador artesanal’ são figuras características na paisagem humana do Delta. A população local é escassa⁸⁹”. Tal abundância se dava pela pouca densidade demográfica. Com o baixo povoamento humano na região, a exploração dos recursos naturais não exercia tanta pressão no meio ambiente.

Apesar dessa abundância, as pessoas só usufruíam do caranguejo para se alimentar. Logo não representava nenhum interesse econômico ou maneira de gerar renda para os ilhéus. Com o crescimento do turismo no Nordeste, a extração do *Ucides Cordatus*⁹⁰ começou a se transformar na principal atividade de várias pessoas da Ilha de Santa Izabel. Os animais retirados dos mangues eram transportados dos seus habitats em barcos ou pequenas embarcações e levados até o Porto dos Tatus. Chegando ao porto, eles eram vendidos para atravessadores e estes mandavam o produto para atender os restaurantes e bares do Estado do Ceará.

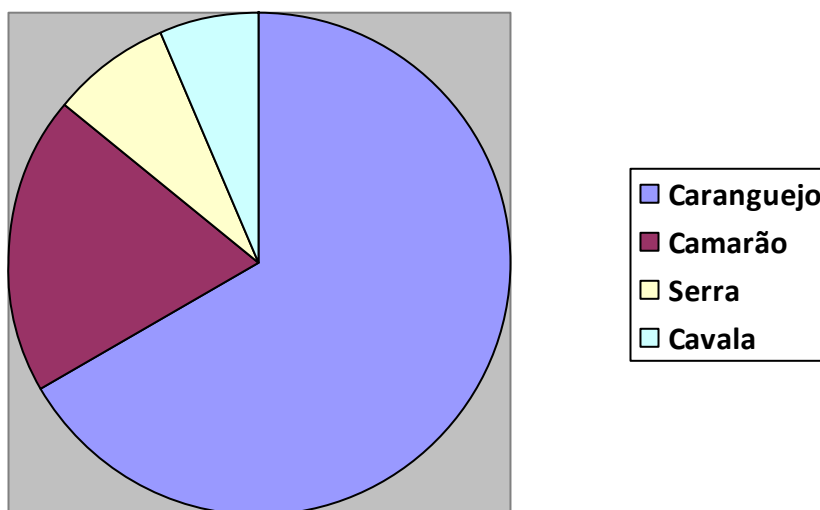
Em mais uma edição do *Almanaque da Parnaíba*, publicado no ano de 1999, outro escritor, Francisco Pereira Filho, faz um balanço da produção pesqueira no litoral piauiense. Não se limitando apenas ao crustáceo, mas aos pescados em geral. O caranguejo “se apresenta como a espécie de maior volume de produção [...], significando 47,73% da produção total desembarcada”⁹¹. Em seguida fica o camarão, somando 13,73% do pescado. O resto da produção ficou com os peixes de água salgada. Pode-se ver abaixo pelo gráfico.

⁸⁸Manoel João da Silva. Agricultor aposentado, 76 anos. Nascido em Chaval-CE. Atual morador do Bairro Cal, Ilha Grande-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 23 de Dezembro de 2012.

⁸⁹ DE CASTRO, Edméa Rego Pires. Divulgando: Informações sobre o Delta do Rio Parnaíba IN *Almanaque da Parnaíba*. Nº 63, 1996, p. 74.

⁹⁰Nome científico do caranguejo-uçá.

⁹¹ PEREIRA FILHO, Francisco. Produção pesqueira IN Alternativas econômicas para Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, nº 66. 1999, p. 49-50.



Legenda: Produção pesqueira no litoral piauiense em 1999⁹².

Entende-se que essa repentina valorização estava ligada à atividade turística que começava a ser explorada no Nordeste. Os recursos naturais e as apropriações feitas pelos seres humanos sofrem variações ao longo do tempo. Por conseguinte, a importância que se dá a certo recurso é historicamente construída. “As apropriações que os seres humanos fazem dos recursos da natureza é diferenciada, dependendo da tecnologia utilizada, das finalidades, etc. Assim, cada período histórico e cada sociedade transforma o ambiente em recurso de uma determinada maneira” (BELLIA, 1999: 19).

O caranguejo, antes um bem natural bastante abundante, sem valor e corriqueiro, tinha simplesmente a função de alimentar os trabalhadores; a partir do advento do turismo no Nordeste, a extração do caranguejo-uçá passou a ser uma nova atividade econômica, que modificou os modos de vida das populações que viviam nas ilhas do Delta e o meio ambiente que as cercava.

O turismo fez com que alguns roceiros ou pescadores migrassem dessas atividades e fossem para o mangue retirar caranguejos. “A expectativa demanda pela captura do caranguejo determina a predominância da coleta, servindo para mostrar que a atividade pesqueira na região do Delta está concentrada na captura de espécie que habitam o

⁹² Fonte: Gráfico elaborado pelo autor, a partir dos dados apresentados por Francisco Pereira Filho.

mangue”⁹³. Ao vir do mangue o caranguejo era logo comercializado, os trabalhadores já recebiam seu ordenado pelo produto. Um possível estímulo, uma vez que nas roças as pessoas teriam que esperar a plantação crescer; logo o pagamento mesmo que pouco, porém quase imediato fez com que as roças fossem sendo abandonadas por algumas pessoas.

Diante de situações como essas, é notório que as ilhas são representadas de forma exterior. Já abordei anteriormente, como o continente percebia as diversas comunidades insulares. Não obstante a discussão que faço agora é de que maneira elas são ainda marcadas por representações internas. Tomando como exemplo a Ilha Grande de Santa Isabel, percebi que nessa mesma ilha, havia algumas demarcações no imaginário das pessoas. “O centro da cidade de Ilha Grande, onde antigamente era chamado Morros da Mariana, comunidade formada por Dona Mariana Alexandra em 1962 [Sic]. Era o lugar onde moravam as famílias mais abastadas, na sua grande maioria, comerciantes”. (BRAGA: 2013: 32). Morros da Mariana até meados da década de 1990 era ainda um dos povoados insulares pertencente ao município de Parnaíba.

Os habitantes de Parnaíba estão concentrados na sua grande maioria na zona urbana do município [...] Este aspecto, aliás, a distingue no Piauí [...] a participação relativa da população rural, que em 1950 era de 38, 88%, passou para 22, 37% em 1980, sendo que, em 1983 sua distribuição pelo interior do município concentrava-se em seis localidades com cerca de 45,52% deste contingente: MORROS DA MARIANA(13,26%), Fazendinha(9,53%), Catanduvas(6,33%), Bebedouro(6,48%), Bom principio(5,06%) e Panelada(4,86%)⁹⁴. (Grifo meu)

A manchete do jornal aborda o crescimento demográfico parnaibano. Morros da Mariana pode ser considerado como uma espécie de centro da Ilha de Santa Isabel. Nesse lugar se encontrava o maior índice populacional. Daí o motivo dos moradores da localidade se sentirem privilegiados. Já os catadores de caranguejo moravam em um local mais afastado, denominado de Loquinhas, em alusão às “locas”, buracos em que os caranguejos se escondem para se proteger dos predadores.

Outro aspecto ilhagrandense que legitima essa divisão é o mito fundador do lugar. Uma senhora chamada Mariana Alexandrina foi a primeira moradora do que viria a ser os Morros da Mariana. O lugar recebeu esse nome devido uma lenda. A neta de dona Mariana

⁹³ PEREIRA FILHO, Op. At.p.49-50.

⁹⁴ Batista Teles. Parnaíba: crescimento populacional *IN Jornal Inovação*. Março-Abril Maio de 1985, p. 4.

Alexandrina, chamada Maura, enquanto lavava roupa com sua avó em uma lagoa, foi devorada por uma cobra sucurujú. O corpo da menina foi resgatado, mas ela já estava morta. Uma capela em sua homenagem foi edificada no lugar que ela foi devorada e o povoado cresceu ao redor. Tal lenda se transformou no mito fundador do povoado.

A narrativa popular repercute no imaginário ilhagrandense e é uma espécie de base da identidade do futuro município, sua ilheidade. A ilheidade é um conceito usado para “designar as representações simbólicas e imagens decorrentes da insularidade e que se expressam por mitos fundadores das sociedades insulares e lendas que explicam formas de conduta, comportamentos, etc.” (DIEGUES: 1998, 41).

A valorização dos Morros da Mariana, como principal povoado da Ilha de Santa Izabel advém dessa lenda. A capela foi erigida e ao seu redor o povoado foi se desenvolvendo e expandindo. Morar nos Morros é residir no centro da Ilha, sinal de poder e *status*. Coração comercial da insula, lá se localizavam a maioria dos comerciantes, não se pode esquecer que foi uma das primeiras comunidades que tiveram acesso à energia elétrica. A atual estrada que corta a cidade, na época que foi construída, ia somente até essa comunidade. As demais, mais afastadas, como Baixão, Cal e Tatus, não tinham comunicação com os Morros, a não ser por caminhos feitos de areia.

Parnaíba está construindo uma estrada que liga Morros da Mariana a Pedra do Sal. Ora, esta estrada é supérflua, pois não tem nenhum cunho socioeconômico, além de essa ligação já ser feita através do entroncamento com a estrada Parnaíba – Pedra do Sal. [...] É uma burrada e dinheiro gasto desnecessariamente. Mais importante seria a de TATUS a MORROS DA MARIANA, porque além da importância social, com maior facilidade para o transporte para Morros da Mariana e Parnaíba. Além do mais, tem grande importância econômica, pois TATUS é grande produtor agrícola, entreposto comercial e forte zona pesqueira⁹⁵. (Grifo meu).

Daniel Braga em sua monografia aborda essa segregação social que os trabalhadores sofriam dentro da própria ilha. Por muito tempo, o lugar chamado de “Loquinha” foi espaço de ocupação exclusiva dos caranguejeiros. Esse local era mal visto pela sociedade insular e seus moradores eram constantemente desvalorizados. Ainda hoje, dizer que alguém mora nos “Loquinhas” é uma ofensa. Com o passar do tempo, os

⁹⁵Editorial. Estrada Particular *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, 25 de Dezembro de 1979, p.4.

moradores desse povoado foram fazendo esforços contínuos com o intento de desconstruir essa imagem, o nome do bairro foi inclusive modificado, sendo chamado atualmente de São Vicente de Paula.

Se concordar que “Os diversos espaços dentro das ilhas são apropriados de forma diferenciada, tanto técnica quanto social e simbólica” (DIEGUES: 1998, 106), o trabalho dos catadores de caranguejo era um serviço que mantinha ligação bastante tênue com a natureza. Eles deviam sair no rio, em suas canoas e aproveitar a maré seca. Quando o rio estivesse enchendo de novo, era hora de sair da lama e voltar para casa. Durante esse tempo, homens ficavam nos mangues buscando o crustáceo. Em um ritmo de trabalho pausado pelo movimento das marés.

Em um artigo do *Jornal Inovação de Parnaíba* do ano de 1984, nota-se o interesse turístico em Parnaíba, o autor enxergava com bons olhos tal novidade.

Parnaíba (...) é uma cidade privilegiada pelos belos recantos que a natureza gentilmente a presenteou. O turismo representa, portanto, aqui, uma das melhores atividades a se desenvolverem, pelas perspectivas vantajosas que oferece a cidade (...) E, assim, Parnaíba cresce embalada por sua visão turística, faltando apenas que se dêem maior valor aos recursos gratuitamente aqui encontrados⁹⁶.

Isso devido ao possível enriquecimento e desenvolvimento que a cidade possivelmente teria. Os atrativos naturais seriam a matéria bruta que daria suporte ao turismo. Cabendo apenas aos parnaibanos e gestores as apropriações do que a natureza oferecia à cidade, sendo esta, rica e diversa. Faltando para os visitantes apenas os serviços de qualidade, pois “para o turista é prioridade a boa estrutura formada por hotéis e restaurantes aprazíveis, a fim de juntar o útil ao agradável”⁹⁷. O ato de exaltar a cidade como um local que foi agraciado tanto com belezas naturais quanto com recantos históricos é apenas uma forma de informar aos seus conterrâneos a oportunidade de uma nova época áurea para a cidade. O *Inovação* discorre ainda em um de seus artigos sobre a inexistência do serviço de passeios pelas insulas:

⁹⁶Sólíma Genuína. Turismo – Incentivo ao Desenvolvimento. *Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba, Fevereiro de 1984.

⁹⁷*Idem*

Outra boa opção para o turista, seria haver um sistema de barcas, organizado para um passeio ao longo das ilhas que formam o Delta do Parnaíba. Suas vistas iriam se comprazer, seja com bandos de garças ou marrecas voadoras, ou seja, com os mangues ao longo das ilhas, caranguejos...etc⁹⁸.

Tal passeio surgiu apenas uma década depois, devido à atitude de moradores locais. Os folhetins destacavam a praia como lugar exótico e de aventuras, pois para se deslocar até lá, era necessário cruzar a ponte e se dirigir a uma ilha. O trajeto bastante convidativo pela sua excentricidade era o fator a mais a ser explorado pelos discursos em elaboração. Logo as propagandas remetiam a uma pequena fuga da *urbe* em busca de um paraíso perdido localizado em uma ilha a poucos quilômetros de distância do centro da cidade.

Parnaíba fazendo parte do Terceiro Polo Turístico é uma cidade privilegiada pelos belos recantos que a natureza gentilmente, a presenteou (...) Sim, Parnaíba esnoba em riquezas naturais, oferecendo ao turista a empolgação e o deleite das horas de lazer (...) A praia da Pedra do Sal localizada na Ilha Grande de Santa Isabel, oferece aos olhos dos que a visitam, a imponência de suas pedras avançando para o mar que, joga as suas águas de encontro a estas pedras, fazendo saltar gotículas cristalinas ou leques de espumas alvacentas que, contagia a todos⁹⁹.

É importante analisar a ênfase que o jornal fez sobre as belezas naturais dos locais descritos. As ilhas habitam o imaginário das pessoas, espécie de microcosmo, elas são consideradas lugares de paz e recanto de belezas. São lugares únicos e que repassam mistérios e fascínio. “A chegada à ilha implica numa viagem, num transportar-se a outro espaço do qual sempre se retorna” (DIEGUES: 1998, 107). O ato de atravessar o mar ou um rio para chegar a um pedaço de terra rodeado por água é um desafio que cria expectativa e animo nas pessoas. É esse o principal atrativo das ilhas oceânicas para turistas, uma encantadora aventura.

Para se chegar a muitas das ilhas do Delta, não é preciso atravessar o mar. Bastando apenas, no caso da Ilha Grande de Santa Izabel, atravessar a ponte Simplício Dias

⁹⁸Sólina Genuína. Turismo. Parnaíba: cidade que proporciona boas opções turísticas, *Jornal Inovação de Parnaíba*, Fevereiro-Abril de 1982, p.9.

⁹⁹Sólina Genuína. Turismo – Incentivo ao Desenvolvimento *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba/PI. Fevereiro de 1984.

ou pegar um barco e ir pelos rios no caso das demais ilhas. São travessias que apesar de curtas não desqualificam a especificidade da aventura, pois, “não é necessário que a ilha seja longínqua, nem mesmo de acesso difícil: o importante é que uma fronteira visível marque seus limites, menos como um obstáculo material que como um sinal de *alteridade*”. (RACAULT *apud* DIEGUES: 1997, 13)

Em meio aos atrativos naturais que perpassam o plano paisagístico para o mental por meio do discurso, deve-se analisar ainda as lendas e mitos que circulam o lugar. Em outros lugares, como a Ilha de São Luís-MA, a cultura popular aparenta ser um atrativo a mais para o turismo. Em Ilha Grande, existem várias lendas, como a do Morro Gemedor que serve de epígrafe para este capítulo; a de Mariana; a de uma cobra gigantesca que vive no Porto dos Tatus; a do caranguejo, entre outras. Não me ative a elas de maneira mais analítica, mas sim como a aura cosmológica dos moradores das ilhas, como suas lendas foram apropriadas atualmente por algumas agências de turismo. Para Diegues, “a necessidade de conservação da cultura tradicional ilhoa como fator de desenvolvimento turístico revela, portanto, os aspectos ambíguos do capitalismo e da própria modernidade” (DIEGUES: 1998, 255). Atualmente a cultura ilhoa foi apropriada pelo mercado turístico e vendida para os visitantes que ao entrarem em contato tanto com as imagens sobre a natureza, quanto com as lendas se interessam em visitar a região.

O fato de se tornar na época o “terceiro polo turístico” do país não sancionou os problemas da cidade, tampouco do Delta. Certas edições do *Jornal Inovação*, no final da década de 1970, atacavam a falta de estrutura e a situação que a cidade passava, suja e mal administrada. Em algumas edições se encontra a nota de rodapé bastante objetiva, “atualmente Parnaíba é a cidade mais suja e mal administrada do Nordeste”¹⁰⁰.

Dos vários ataques dos escritores do jornal, um deles foi direcionado ao ministro Reis Veloso. Este era parnaibano e numa jogada política transformou sua cidade natal em um dos principais destinos de turistas, o jornal questiona. “Somos a cidade do turismo piauiense. Isso é uma imposição ou uma publicidade barata para turistas caros, num polo turístico sem infraestrutura para tal?”¹⁰¹.

¹⁰⁰ *Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba/PI, 31 de Janeiro de 1979, p.09.

¹⁰¹ Editorial. *Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba/PI, 20 de Julho de 1979.

A falta de estrutura gritante, somada a má administração são apenas alguns dos descontentamentos que levaram os escritores do *Inovação* a criticarem o título que a cidade recebera. Eis um panorama de como se encontrava a cidade na época:

Com 130 mil habitantes, a 320 quilômetros da capital; com uma população na faixa de 99,9% de assalariados; 10 hotéis (apenas 2 classes “A”); uma praia (Pedra do Sal) sem energia elétrica e sem restaurantes à altura; um cinema, nenhum Teatro; uma Biblioteca com seu acervo desatualizado [...] É tudo isto, o que temos a oferecer aos turistas que para cá se dirigem, na expectativa de realizar o “sonho” em conhecer a cidade – sede do 3º Polo Turístico Nacional. Existe?¹⁰²

Não se restringindo somente a parte continental de Parnaíba, algumas matérias são escritas mostrando a situação dos pontos turísticos da cidade na época. “Os nossos recursos naturais, considerados centros turísticos estão desprezados (...) Pedra do Sal, Morros da Mariana (...) estão necessitando de cuidados de toda ordem”¹⁰³. De acordo com os editores, a atividade turística não propiciou nenhuma melhora a essas pessoas, muito pelo contrário.

Em Maio de 1979, o quadro mostrado apresenta diferentes visões em relação ao que a imprensa produziu alguns anos depois. Mais uma vez a ponte Simplício Dias aparece como um divisor de lugares: “Neste empobrecido Estado, mais precisamente do outro lado da ponte Simplício Dias da Silva, onde a imagem de um ‘Piauí novo’ não funciona, querem transformar um povoado em celeiro turístico à custa da miséria popular. Trata-se da Pedra do Sal”¹⁰⁴.

O interesse em dinamizar as ilhas, bem como seus pontos turísticos trouxeram vários problemas. Os danos iam desde problemas de exclusão social e privatização de áreas praieiras por parte de um grupo político, quanto à agressão ambiental. Veja o que o *Inovação* fala da praia, antes “rica em belezas naturais, de panorama romântico, poluída agora com a exploração do desenvolvimento desproporcional em grande escala”. A crítica que se faz é sobre os interesses políticos ao transformar o lugar em um possível gerador de capital. A comunidade da Pedra do Sal não tinha escolas, as crianças vinham para a parte

¹⁰²Reginaldo Costa. 3º Pólo turístico nacional – A piada da década de 70. *Jornal Inovação de Parnaíba*, 24 de Novembro de 1979.

¹⁰³Editorial. A luta continua – Urbanização e zona de turismo. *Jornal Inovação de Parnaíba*, 23 de Julho de 1979.

¹⁰⁴Reginaldo Costa. Crianças da Pedra do Sal clamam por escola. *Jornal Inovação de Parnaíba*, 18 de Maio de 1979.

continental parnaibana a fim de estudar, um problema bastante recorrente nas outras comunidades da Ilha de Santa Isabel.

O jornal afirmava que a comunidade sofreu com as mudanças ocorridas devido à demanda de pessoas interessadas em conhecer um dos pontos turísticos mais importantes da região.

O povo da Pedra do Sal não pode ser marginalizado sob preferência dos exploradores materialistas, desprezando as condições humanas de subsistência ou então acabarão contribuindo para o desajuste daquela comunidade antes tranquila, hoje poluída, destruída, ignorada?¹⁰⁵

O turismo foi uma maneira de trazer capital para o lugar, percebe-se que os interesses políticos estavam à frente das necessidades dos moradores da comunidade praiana. Ilustrada como *locus* de exuberância natural, a praia era vista como espaço de diversão de pessoas vindas de outros lugares em detrimento das necessidades que os moradores da comunidade passavam.

Para Diegues (1998), as ilhas marítimas são imaginadas como paraísos idealizados pelas pessoas que vivem no continente. Este paraíso é representado pela paz, calma e sentimento de isolamento que o lugar lhes assegura. Ele fala ainda que ela é ambígua, pois ao passo que representa paraíso, é compreendida também como prisão e *locus* instável devido às intempéries naturais. “As representações simbólicas das ilhas são marcadas pelos extremos; de um lado paradisíaco, e, de outro lado, o infernal, o amaldiçoado onde os criminosos expiam suas penas, em meio às intempéries, o isolamento e a morte” (DIEGUES, 1998: 108).

No entanto, a Ilha de Santa Isabel era imaginada primeiramente de uma maneira bastante diferente da analisada por Diegues. De acordo com as fontes de jornais analisadas, as comunidades insulares eram símbolo de pobreza e atraso social. Com o interesse turístico, o lugar se transforma. Aos poucos as mazelas sociais que o *Inovação* tanto criticava vão sumindo. Logo, a nova imagem que começa a ser construída, teve por base o interesse econômico.

Aos poucos as ilhas, que *a priori* serviam de celeiro para Parnaíba, vão dando lugar ao reconhecimento das paisagens litorâneas. “A beleza das praias piauienses é um

¹⁰⁵*Idem*

fato que não se pode negar, e, é completada pelo Delta que o rio forma ao desembocar no mar, compondo várias ilhas de grande valor econômico”. As ilhas que em décadas ou mesmo anos anteriores eram “outro mundo”, onde residiam a pobreza e que serviam apenas de “celeiro” para Parnaíba, vão aos poucos tendo seu território ressignificado, compreendendo que “o território não é um substrato, mas um campo de forças” (CALVENTE, 1997: 94).

Os lugares físicos são apropriados simbolicamente por seus habitantes e pelas sociedades exteriores. Campo de lutas e de diversos conflitos de interesses, o território é representado pelos discursos e pelas imagens que são elaboradas dele. Obviamente que as elaborações imagético-discursivas não são a realidade, mas uma versão dela.

Em entrevista publicada em 1985, o então secretário de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, deputado Jesualdo Cavalcante, afirmava que:

O turismo parnaibano é uma alternativa econômica para a região. Infelizmente os parnaibanos ainda não se convenceram disso [...] A preocupação da Secretaria é jogar o litoral do Piauí no circuito nacional de divulgação [...] o grande trabalho seja a divulgação e o incentivo para que empresas privadas se instalem em Parnaíba¹⁰⁶.

É interessante observar que esse trecho da matéria, mostra-se bem diferente de como as ilhas eram apresentadas até pouco tempo atrás. Jesualdo Cavalcante responsabiliza a população pela falta de sucesso e estrutura que a região carecia, em contrapartida, os habitantes e imprensa retornavam com críticas ao poder público, justificando ser esse o dever dos governantes.

O litoral com seus atrativos naturais gerou a possibilidade de desenvolvimento para a região. Por meio das propagandas, aos poucos o Delta vai sendo conhecido pelas pessoas de diversas partes da região e do país. O senhor Francisco Bittencourt é filho do morador da ilha que teve a ideia de levar os turistas para conhecerem o Delta em passeios de barco, ele conta que: “foi surgindo pessoas no fim de semana. As embarcações eram pequenas. Aí ele teve a visão do futuro. Fez uma maior, já especificamente para o turismo.

¹⁰⁶Elmar Carvalho e Kenard Krueel. O turismo é uma alternativa econômica para a região. *IN Jornal Inovação*. Março-Abril-Maio de 1985, p. 7.

Não conseguiu dar conta da quantidade de turistas que começou a aparecer”¹⁰⁷. Com essa narrativa percebe-se que os passeios de barco, partiram da iniciativa de moradores, contrariando a visão de Jesualdo Cavalcante.

O pai do colaborador, não tinha emprego fixo. Foi agricultor, pescador, comerciante e “fazia embarcações para comprar caranguejo”. Por meio desse relato, compreendo que a exploração efetiva do turismo nas ilhas foi na verdade um produto que veio com a cata de caranguejo.

Devido à demanda de pessoas que chegavam aos finais de semana no Porto dos Tatus para conhecer o Delta, o progenitor do senhor Francisco foi fazendo embarcações cada vez maiores para atender o número de pessoas que procuravam o passeio. Seu pai foi aos poucos,

deixando as outras atividades de lado. Aí nós focamos só no turismo. Isso em 94. 94 a gente começou a trabalhar com turistas aqui... Não tinha divulgação. E o turista nem tinha como ir pro Delta. Turista chegava aqui e não tinha como! Nós mesmos não sabíamos o que era Delta. Eu morava no Delta e não sabíamos o que era e nem da importância de onde nós morávamos¹⁰⁸.

É válido atentar para o desconhecimento que o morador mostra na sua narrativa. Ele fala que muitos não sabiam o que era um Delta e nem da sua importância. Mais uma vez nota-se a ação pouco efetiva de transformar o lugar. O narrador tem 1994 como o marco do início das incursões turísticas pelo Delta.

Nesse mesmo ano, parte da Ilha Grande de Santa Isabel, pertencente à Parnaíba foi desmembrada. Uma parte do território insular ganhou autonomia política, emancipando-se um novo município, Ilha Grande do Piauí. A relação que faço é a constituição da memória, como bem atesta Pollack (1992), a memória é afetiva, por conseguinte as lembranças geralmente estão ligadas por meio de um fenômeno importante na vida das pessoas. No caso desse colaborador, elas estão vinculadas à mudança política de sua comunidade. O turismo é atualmente uma das principais atividades para a cidade de Ilha Grande. A transformação e a autonomia ao menos política que o lugar ganhou pode ter sido marcada nas lembranças do Sr. Francisco Bittencourt.

¹⁰⁷Francisco Antônio dos Santos Bittencourt. Guia turístico, 39 anos. Nascido em Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 10 de Novembro de 2013.

¹⁰⁸*Idem*.

Nos anos 1990, os habitantes começaram a conhecer o lugar que moravam por meio do interesse dos visitantes. Foi “através do próprio turista. A gente começou a fazer o passeio, começou a escutar as informações que vinham”.

Esse primeiro guia turístico, mudou de vida. Seu filho afirma que ele teve uma “visão do futuro”. A expressão usada pelo colaborador dá a entender a mobilidade social que o negócio proporcionou para o morador, para sua família e para os demais que seguiram essa ideia. Atualmente a família desse percussor possui uma agência de viagens com embarcações grandes para comportar cerca de 50 pessoas e lanchas rápidas para passeios com um número menor de passageiros.

O turismo como negócio significou uma mudança bastante lucrativa para as pessoas que saíram das outras atividades e se lançaram como guias turísticos. O turismo “melhorou a vida de muita gente. Principalmente das primeiras pessoas que começaram a trabalhar com turista. Melhorou muito para eles hoje!¹⁰⁹”.

Os frutos do turismo fizeram com que muitas pessoas melhorassem de vida, porém, obviamente que houve alguns conflitos. O senhor Francisco conta que seu pai fazia sociedade com uma agência que ficava na parte continental de Parnaíba. Na figura de Morais Brito, ficou firmada uma sociedade onde esse agenciaria os turistas, agendando viagens e organizando as vagas para as pessoas de fora. Enquanto que a família do colaborador fazia o passeio com as pessoas em sua embarcação. O conflito veio com a morte do pai do senhor Francisco. Morais Brito “colocou” um preço que não condizia com os gastos da família. Logo estes não obteriam lucros.

3.2 Turismo e tensões socioambientais.

Por meio do turismo diversas melhorias foram sendo inseridas. Energia elétrica foi incorporada em algumas comunidades, permitindo conservar melhor o pescado, ao invés de salgar e expor o peixe no sol; água encanada trazendo comodidade, antes as pessoas tinham de pegar água em cacimbas ou poços artesanais e escolas foram construídas.

¹⁰⁹Zilmar Ribeiro dos Santos, 60 anos, pescadora aposentada e dona de casa. Nascida no dia 19 de julho de 1953, no povoado Cal, na época município de Parnaíba- PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 07 de Outubro de 2013.

As comunidades antigamente tinham sua economia local pautada em atividades primárias como a pesca e agricultura, com a chegada do turismo, é perceptível, em alguns casos, a melhoria na infraestrutura local que dá suporte a atividade turística, que simultaneamente gera benefícios para a localidade. (ASSIS; NASCIMENTO; RODRIGUES; SILVA; SILVA FILHO; SILVA; CARVALHO *IN* GUZZI, 2012: 435)

Ao longo das narrativas dos colaboradores, percebeu-se que as melhorias nas vidas dos habitantes ocorreram há pouco tempo. Em certas insulas, calcula-se que no espaço de vinte anos, caso, por exemplo, de Ilha Grande do Piauí.

Os moradores dessa ilha tiveram melhoria de vida com a emancipação política, sendo criado um novo município, junto a isso, nota-se ainda a atividade turística como fator que fez com que o lugar se desenvolvesse.

Na Ilha das Canárias, o impacto foi sentido nos anos 2000. Os entrevistados atestam sua mudança de vida devido não só ao turismo, mas principalmente aos benefícios trazidos por programas sociais, tais como o bolsa família, bolsa verde¹¹⁰, entre outros. Com esses benefícios, muitas famílias tiveram como complementar a sua renda. Os narradores dizem que é uma mudança bastante visível. Tão visível que se pode notar pela arquitetura das residências. Há pouco tempo, as casas eram todas feitas de barro e cobertas de palha.

Devido os programas assistencialistas, eles puderam aos poucos comprar tijolos e telhas e construir suas residências de alvenaria.

“Hoje nós tamo é no céu, nesse lugar aqui, nós estamos é no céu! Porque nós agradece o “tio Lula”, é meu filho! Antes de eu ter essa vendinha aqui, eu recebia 72 reais, mas eu tava sabendo que eu tinha aqueles 72. Quer dizer que eu já podia comprar uma cadeirinha, mesmo que eu gastasse 30, eu tinha 42 pra folgar uma prestaçõzinha, né? Aliás, toda casa que tu chegar aí, tá bem arrumadinha, por causa de quê? Do Bolsa Família!¹¹¹”.

As políticas públicas de conservação da APA e da Resex fizeram com que as comunidades tradicionais, bem como seus moradores pudessem ter melhor qualidade de vida. Logo, os habitantes com essa renda complementar, tiveram a possibilidade de arrumar suas moradias e comprar bens duráveis e utensílios de pesca, como caçoeriras e canoas.

¹¹⁰O Bolsa Verde é um programa de Apoio à Conservação Ambiental. Lançado em 2011, concede um benefício de R\$ 300,00 a cada semestre. São beneficiárias do programa as famílias que vivem na extrema pobreza em áreas consideradas prioritárias para a conservação ambiental. Para mais informações acessar o site <http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/bolsa-verde>. Acessado em 31/05/2014.

¹¹¹Lúcia Sousa de Freitas. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 20 de Abril de 2013.

“Antigamente você chegava aqui em Canárias, praticamente você só via casa de taipa aqui. Você chegava aqui em Canárias e não via uma casa de tijolo, ô rapaz, não! Hoje você chega aqui e vê as casas todas bonitinhas¹¹²”.

Ressalta-se, porém, as outras mudanças que essa ilha teve. O lugar atualmente passa por uma fase de interesse migratório, principalmente a comunidade Canárias, a maior comunidade da Ilha que possui o mesmo nome. O crescimento da densidade demográfica é um problema para alguns moradores, o pescador Magno Cardoso conta sobre essa mudança.

O pessoal vem chegando para cá, taí as Canárias cheias de casa... Para cá não tem muita casa, mas para cá tem casa demais! [...] Aqui você chegava antigamente, você chegava, vinha dacolá e dizia: “Eu vou fazer minha casa aqui”. Ninguém botava banca, mas hoje não tem mais lugar, só pros interior, mas aqui mesmo não tem mais, só que a pessoa compra logo uma casa feita.

Na narrativa acima, percebe-se a elevação do povoamento na comunidade. Os filhos ou netos que saem da casa dos pais com sua nova família, se quiserem morar em Canárias, não conseguem mais achar um terreno para construir suas casas com a mesma facilidade de décadas anteriores.

Até o ano de 2013 a ilha tinha uma população com cerca de 2500 habitantes, em sua maioria filhos da terra; sujeitos nascidos nas comunidades da ilha e que ainda têm na pesca sua principal atividade. Porém, existem algumas pessoas que vieram de lugares próximos como, Parnaíba, por exemplo, ou de regiões mais distantes que se fixaram no local. De acordo com a legislação da Reserva Extrativista Delta do Parnaíba, só podem comprar e vender moradias os trabalhadores tradicionais da RESEX, bem como os usuários da mesma.

Embora haja melhoras nas condições de vida e nas moradias dos habitantes, alguns lugares ainda não foram contemplados. O povoado, Torto, localizado no interior da Ilha das Canárias tem as residências ainda rústicas; as embarcações são os únicos meios de transporte para se chegar a essa comunidade, por conseguinte torna-se difícil trazer material de construção para tal lugar.

¹¹²João Goberto Reis. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade em 22 de Junho de 2013.

3.3. Impactos ambientais

O ambiente natural não é estático, a natureza se dinamiza por diversos fatores, sejam eles bióticos ou abióticos. Em uma dessas modificações da paisagem, a ação antrópica é um dos vários agentes responsáveis por essas mudanças. Fazer roças em um determinado lugar modifica o campo, os diversos seres que o ocuparam originariamente e a geografia local, essas são algumas marcas que o homem deixa e que transformam a configuração do ambiente. Alguns ex-roceiros, contam que há cerca de 20 ou 15 anos, a capivara começou a atingir as plantações com maior frequência.

“Às vezes vinha uma praga de rato e praga de passarinho. O passarinho quanto falta alimento lá aonde ele vive, vem comer na plantação. Agora tem outro problema, que tanto faz na seca quanto no inverno, que é a capivara. Ela chegou há pouco tempo, faz uns quinze anos. A capivara invadiu e destruiu muito plantio¹¹³”.

Entende-se que esses animais atingiram ou atingem as roças devido aos pequenos desmatamentos que ocorriam nas várias ilhas do Delta. As pessoas décadas atrás, usavam o mangue para fazer casas e cercas. A árvore, chamada cajuí, espécie de caju, era derrubada para servir de carvão, sem falar nas outras que serviam também de recursos madeireiros, seja para edificar casas ou fazer cercas.

A destruição da mata faz com que o habitat de certos animais fique comprometido. Com a derrubada de árvores – muitas delas que dão frutos e abrigo para os animais – são devastadas. Na própria fala do colaborador, ele explica que os pássaros quando não tinham alimento, iam às roças se alimentar. A capivara e outros animais “invasores”, também tiveram seu ambiente natural degradado, podendo ter acontecido um pequeno desequilíbrio ecológico.

O problema das capivaras já foi citado anteriormente, bem como a ameaça que as roças sofriam pelos aratuns (espécie de pequenos caranguejos), pássaros e outros animais. No entanto, houve um aumento desses “invasores” nas roças. As antigas medidas que os agricultores tomavam, como por exemplo, colocar espantalhos ou latas para fazer barulho e

¹¹³ Francisco Germano Carvalho. Nascido na Cana-Brava, em 29 de Maio de 1950. Entrevista concedida à Luana Bittencourt Gomes no dia 08 de Dezembro de 2012.

deixar os animais distantes das plantações, com o passar do tempo, se mostraram ineficientes.

“A gente armava camisa, com uns paus. Para o vento ficar balançando. Botava um monte de garrafas, que era para ficar batendo umas nas outras. Botava na roça todinha. Que era para a gente colher algum arroz. Nisso aí, era como a gente podia colher. Já hoje, as pessoas fazem, mas os bichos já acostumaram. Eles não estão mais nem aí com o barulho, com a zoadá¹¹⁴”.

Ao desmatar certa área, os agricultores das ilhas costumavam atear fogo na vegetação, empregando essa técnica denominada de coivara, o solo perde boa parte dos nutrientes, ficando mais pobre e propenso à desertificação.

Algumas plantações de arroz eram feitas às margens dos rios, aproveitando o chão altamente fértil. Ao fazer o desmatamento, a mata ciliar que protegia o rio foi retirada para dar lugar à cultura do cereal. Sem a mata ciliar, o rio sofre com o processo de assoreamento, que é a sedimentação de seu leito. A areia formada no leito do rio com os anos acabou gerando problemas para os moradores de algumas localidades e regiões do Delta do Parnaíba.

Dona Zilmar conta ainda que, para sair do Porto dos Tatus, os barcos de grande porte podiam sair a qualquer hora, o rio era bastante profundo e não havia problemas com barcos de maior calado.

O rio mudou muito. Essas dunas estão aterrando ele. Antigamente, era muito fundo. Era livre! Essa área onde hoje tá cheia de mato, antes era livre. Hoje esse rio que passa aí, para ir pro Bananal, para Conceição ou para Tutóia. Só passa uma embarcação maiorzinha, na maré cheia.

Atualmente, os bancos de areia impossibilitam a passagem de embarcações de maior porte. Para sair do Porto dos Tatus nessas embarcações, o regime das marés deve ser estritamente respeitado. Só se embarca na maré alta, pois quando o rio está mais baixo, corre o risco de “atolar” o barco e deixar as pessoas presas no meio do rio por horas.

¹¹⁴Zilmar Ribeiro dos Santos. Nascida no povoado Cal, município de Parnaíba, em 19 de outubro de 1953. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 07 de Outubro de 2013.

Em conversas informais, alguns pescadores afirmaram já terem visto barcos carregados de turistas ilhados no meio do rio. Entre eles, um disse que tentou avisar o perigo, porém o condutor do barco parece não ter acreditado na sabedoria do pescador. O resultado foi a embarcação presa em um banco de areia. Em resumo, além dos usuários do rio saberem da mudança de marés, eles ainda conhecem o melhor caminho que se deve percorrer. Essa detenção de saber difere o morador acostumado a usar o rio para pescar ou ir para a roça, dos sujeitos que “governam” os grandes barcos. As comunidades tradicionais veem a natureza como um bem que pode ser usado a seu bel prazer. Elas,

não só convivem com a biodiversidade, mas também nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. Uma importante particularidade, no entanto, é que essa natureza diversa não é vista pelas comunidades tradicionais como selvagem em sua totalidade; ela foi e é domesticada, manipulada. (DIEGUES, 31: 1999)

Esse sistema de saberes é chamado de etnoconhecimento, baseado em observações, experiências e transmitido pela oralidade. Por serem nativos e se utilizarem constantemente do rio, as vivências dessas pessoas possibilitaram o conhecimento das transformações que o lugar passou. Essas mudanças naturais, principalmente, a sedimentação do rio, de acordo com Francisco Bittencourt, é proveniente da ação humana.

“O assoreamento e o desmatamento. Isso pode-se dizer que foi por culpa de falta de conhecimento dos nossos antepassados. Eles faziam as coisas sem ter conhecimento. Por exemplo, essas dunas aí. Alguém desmatou lá na frente. Elas estão andando, mas isso aí não é de hoje não. O assoreamento do rio, é da mesma forma. Os nossos antepassados, fizeram bastante roça. Que o pessoal antigamente, só vivia da roça. Desmataram as margens do rio e assorearam”.

Para ele, o turismo “não afeta o meio ambiente não”, pois acredita que “o turista tem consciência”. Pelos vários relatos de alguns moradores, notou-se o quanto as mudanças naturais mexeram com o seu cotidiano. Além dos bancos de areia prejudicarem a navegabilidade dos grandes barcos, o peixe, antes bastante abundante em todo o Delta do Parnaíba, começou a diminuir. “Do tempo que eu pescava pra cá o que mudou pra nós foi o

canal do rio Parnaíba. Isso foi o que a natureza acabou pra nós, foi canal do rio, porque o nosso canal, no meu tempo de pescaria, era um canal bom de pescaria”¹¹⁵.

A rede de entrevistas para a elaboração desta pesquisa é bastante diversificada, a questão geracional compreende colaboradores de 35 a 80 anos de idade. Na memória dessas pessoas as mudanças naturais mais drásticas foram dos anos 1980 em diante. É bem verdade que a natureza é bastante dinâmica, mas por algum motivo a memória dos colaboradores guardou os anos 1980 como um período que a natureza foi o palco principal. Alguns autores lembram que nesse período se “intensificaram os problemas socioambientais” (PINHEIRO; MOURA; ALVES, 2011: 5).

Os fenômenos naturais são ações da natureza, compreendendo furacões, terremotos, fortes tempestades entre outras. Eles são chamados de desastres naturais, apenas quando tais fenômenos atingem alguma vida humana ou deixam desabrigados. Os desastres naturais mais comuns nas ilhas foram as grandes enchentes. Dona Lúcia Bittencourt, se pergunta como que as águas tiveram força para destruir árvores e casas. Originária da Ilha do Igoronhon - MA veio morar nos Tatus ainda criança. Em sua mente, ela guarda a lembrança de acordar. “Olha, aqui tinha uns pés de buriti grandão. Dava uns cachão. Mas a água carregou “tudim”, meu irmão?!”¹¹⁶

Atualmente, na Ilha Grande do Piauí, o deslocamento constante das dunas, que os moradores chamam de Morro Branco, assustam, causando maior medo nos moradores dos bairros, Cal e Tatus.

Socialmente, a vinda do Morro Branco, soterra várias casas. É tão sério o problema que alguns moradores se viram obrigados a se mudar¹¹⁷. As pessoas que têm condições de se deslocarem saem do Cal ou dos Tatus e vão morar em outros bairros mais distantes.

¹¹⁵Antonio Campos da Graça. Nascido em 1933, na comunidade Canárias, Ilha das Canárias. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 22 de Junho de de 2013.

¹¹⁶Lúcia Maria Bittencourt. Marisqueira, 58 anos. Nascida na Ilha do Igoronho-MA, veio morar no povoado Tatus aos dois anos de idade. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 13 de Outubro de 2013.

¹¹⁷No ano de 2013 foi produzida uma obra audiovisual através do projeto Cajuína filmes. O documentário de 25:07min. Ilustra a situação dos moradores que são atingidos atualmente pela movimentação das dunas, no vídeo são mostradas entrevistas de pessoas que estão tendo suas casas ameaçadas. Para conferir acessar <https://www.youtube.com/watch?v=Ifp7A7lv0d4>. Acessado em 21/01/2014.

CONCLUSÃO

Concluo que as experiências estudadas e apresentadas aqui não se restringiam apenas no trato físico que os trabalhadores do Delta tinham para com o território e os recursos utilizados. Quando plantavam, pescavam e extraíam, notei que essas atividades possuíam numerosos elementos mentais e subjetividades que davam significados as suas vidas. Ao longo dos anos, a maneira como eles se apropriavam do meio ambiente, e inclusive o mesmo, foi sofrendo alterações e se dinamizando, logo, tanto a cultura tradicional e o saber/fazer, quanto à natureza eram e continuam sendo dialéticos.

As mudanças na paisagem ocorreram de maneira natural ou mesmo como produto da interação entre o homem e o meio ambiente. Os fenômenos naturais e/ou alterações geravam, por conseguinte novos modos de vida. Outras modificações ocorriam também no plano simbólico e no tratamento desses para com os elementos constituintes da sua vida material. Defendo que as apropriações físicas, estão para além das simples atividades a que os olhos percebem. A pesca, o plantio e a extração fazem parte de um universo afetivo, simbólico e integrante da memória, são tais sentimentos e percepções que cercam a visão de mundo dos trabalhadores tradicionais abordados neste trabalho.

No que diz respeito às imagens que os parnaibanos do continente tinham sobre as insulas, é de igual modo. Há uma alteração de significâncias, ressaltando-se, no entanto, os lugares sociais que produziam os significados; as comunidades insulares, antes territórios de pobreza, mazelas sociais e problemas ambientais, eram habitadas por uma população pobre, humilde e que tinha o trabalho como forma de dignificar-se. Essa era a imagem que a imprensa tanto vendia nas páginas dos jornais analisados.

Com as entrevistas, essa memória teve alguma ressonância no que diz respeito à falta de estrutura das insulas, bem como nas poucas oportunidades e políticas públicas ineficientes, ou mesmo inexistentes. Porém, percebi ao longo do exercício da escuta que, os roceiros e pescadores, mesmo com as dificuldades que enfrentavam se viam e construíaam a imagem de indivíduos trabalhadores. Mesmo exercendo esforços físicos que muitas vezes não eram valorizados, esses homens e mulheres lutaram para sobreviver da maneira que podiam.

Tanto os homens quanto as mulheres trabalhavam. Ambos tinham papéis sociais diferenciados. O ser homem e/ou mulher nas comunidades analisadas era em sua maioria

constituído pelo gosto pelo trabalho, era a capacidade de prover, de labutar que era valorizada. Ao longo das entrevistas, surgiram algumas questões no que diz respeito à relação entre homem e mulher, uma delas foi o conflito pela memória. Afinal mulher pescava ou não? Mulher trabalhava na roça ou não? Como bem afirma Portelli, a memória é de quem narra sua história, se existiam mulheres que pescavam ou trabalhavam na roça era verdade ou mentira, pouco posso afirmar. No entanto, encontro aí problemas acerca da memória, os homens por terem o papel social de prover e de sustentar a casa, podem ter omitido ou minimizado os papéis das mulheres nas sociedades ilheias. Logo dizer que mulher trabalhava poderia sinalizar pouca excelência no papel que lhe era proposto pelas sociedades das ilhas. Contudo, as mulheres entrevistadas, falaram sobre sua participação no tocante à situação trabalhista. Essas trabalhadoras eram admiradas por algumas lembranças dos homens. Logo, torno a dizer que esse é um conflito de memória. O que me instiga a pensar da mesma forma que Burke, quanto fala de memória social. As pessoas quando relembram, falam de seus lugares sociais, suas vozes advêm de uma experiência social, ligada ao lugar de origem e ao grupo a que pertence.

A respeito das ilhas enquanto espaço de turismo e de lazer, compreendi que, com o limiar do tempo, aquela velha imagem de pobreza foi sendo desconstruída, no seu lugar uma nova foi edificada. O intento dessa mudança imagética foi proporcionado pela motivação econômica, sem levar em conta as populações que moravam nas ilhas, uma vez que atualmente não tenho notícia de turismo de base comunitária consolidado, resquícios ainda do antigo projeto político de dinamizar o lugar e transformá-lo em um lugar gerador de renda. O ecossistema também continua sofrendo alterações, algumas novas questões foram surgindo na conjuntura do Delta: criação da Resex; especulação imobiliária; criação e ampliação de parque eólico, isso tudo são problemas atuais, ou que ocorreram há pouco tempo e que não foram contemplados no momento, ficando, portanto, em aberto para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ANTONACCI, Maria Antonieta. *Reservas extrativistas no Acre e biodiversidade: relações entre cultura e natureza*. Projeto História. 18, São Paulo. 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. *Imaginário, Mentalidade e Psico-História – uma discussão historiográfica*. Labirinto. Ano V, nº 7, junho de 2005.
- BARRAQUI, Douglas. *Por uma História Ambiental: a natureza de volta aos braços do homem*. Laboratório de Pesquisa e Práticas em Educação e Sustentabilidade (LAPES/USP). Disponível em: <http://lappes.iee.usp.br/lappes/por-uma-historia-ambiental-a-natureza-de-volta-aos-bracos-do-homem/#!prettyPhoto/0/>.
- BELLIA, Victor. *Introdução à Economia do Meio Ambiente*. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Brasília. 1996.
- BRAGA, Daniel Souza. *Catadores de caranguejo do delta: história e memória (1960-2010)*. Monografia de História. Parnaíba: Universidade Estadual do Piauí, 2013.
- BURKE, Peter. História como memória social IN _____, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- CALVENTE, Maria del Carmen. Ilhabela: turismo e território IN DIEGUES, Antônio Carlos (org.). *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: NUPAUB, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Hector Peres. *Os Métodos da História: Introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social* Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- _____, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.
- CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significados múltiplos das águas IN DIEGUES, Antônio Carlos, *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. IN Estudos Avançados, Rio de Janeiro, n.11(5), 1991.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____, Antônio Carlos (org.). *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: NUPAUB, 1997.

_____, Antônio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

_____, Antônio Carlos. *Povos e Mares: uma retrospectiva de sócio-anthropologia marítima*. São Paulo, 1995.

_____, Antonio Carlos. *Água e Cultura nas populações tradicionais brasileiras*. São Paulo, 2007.

DRUMMOND, José Augusto. *Entrevista*. Revista História. Brasília, 2010.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Escala 2008.

FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000.

FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Maximo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FURTADO, Celso. *O Brasil pós-milagre*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. “História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância”. IN: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2007.

GANDARA, Gercinair Silvério (org.). *Natureza e Cidades: o viver entre águas doces e salgadas*. Ed. da PUC Goiás, 2012.

_____, Gercinair Silvério (org.). *Rios e cidades – olhares da história e do meio ambiente*. Ed. da PUC Goiás, 2010.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUZZI, Anderson (org.). *Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense*. Parnaíba: EDUFPI, 2012.

LABERGE, Jacques. As naturezas do pescador *IN* DIEGUES, Antônio Carlos, *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e simbolismo*. Edições 70. Lisboa.

LIMA, Eudes Ferreira. Ictiofauna do Delta do Rio Parnaíba, litoral piauiense *IN* GUZZI, Anderson (org.). *Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense*. Parnaíba: EDUFPI, 2012.

MALDONADO, Simone. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em História oral*. Revista Oralidades, n.3, 2008.

PÁDUA, José Augusto. *As bases teóricas da história ambiental*. Estudos Avançados, v. 24. n. 68, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

_____, Sandra Jatahy. *Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário*. Revista Brasileira de História, vol. 15, n. 29, p. 9 -27. São Paulo, 1995.

PINHEIRO, Áurea da Paz; MOURA, Cassia; ALVES, Fátima. Museus Comunitários, Museus *Sans Murs*: um projeto participativo de promoção da sustentabilidade, da cidadania e dos saberes locais. *IN* PINHEIRO, Áurea da Paz; GONÇALVES, Luís Jorge; CALADO, Manuel. *Patrimônio Arqueológico e Cultura Indígena*. Lisboa: FBAUL; Teresina: EDUFPI, 2011.

POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*, Estudos Históricos, vol. 5. n. 10, p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História, São Paulo, (14), fev. 1997.

_____, Alessandro. *Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. Projeto História, São Paulo, (15), abr. 1997.

_____, Alessandro. *A filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Universidade Federal Fluminense. Departamento de História,-Vol.1, nº2. Dez. 1996 – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 72

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Tradição oral e patrimônio imaterial: o papel da memória na luta por políticas públicas*. *IN* Anais X Encontro Regional Sudeste de História Oral. Educação das Sensibilidades: Violência, desafios contemporâneos. Campinas, 2013.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

THOMPSON, Edward Paul. *Costumes em comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Antropologia: O Homem e a Cultura*. Petrópolis. Vozes: 1991.

WORSTER, Donald. *Para fazer História Ambiental*, tradução de José Augusto Drummond. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol.4, n.8, 1991, p. 198-215.

Sites consultados:

<http://biomania.com.br/bio/conteudo.asp?cod=2303> <acessado em 28 de Janeiro de 2014>.

http://www.maramazon.com/pontos_turisticos.php?ptu_id=38 <acessado em 28 de Outubro de 2013>.

<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2246-apa-delta-do-parnaiba> <acessado em 28 de Janeiro de 2014>.

<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/bolsa-verde> <acessado em 31 de Maio de 2014>.

http://www.pescanordeste.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=123&Itemid=1 <acessado em 28 de Janeiro de 2014>

Fontes:

ENTREVISTAS COLETIVAS

DA COSTA, José Maria, conhecido em sua comunidade por Zé Miguel. 65 anos. Pescador. Entrevista concedida a Daniel Falconi, José Edes Pereira Morato, Láila Daniela da Silva Santos, Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Marta da Silva Silveira, Pedro Vagner Silva Oliveira e Thalita do Nascimento Souza, Victor Silva no dia 20 de Abril de 2013.

DA COSTA, José Maria, conhecido em sua comunidade por Zé Miguel. 65 anos. Pescador. Entrevista concedida à Flora Maria Serejo Neves Ribeiro e Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 19 de Outubro de 2013.

DA GRAÇA, Antônio Campos, conhecido em sua comunidade por Totonho. 80 anos de idade. Nascido na comunidade Canárias, Ilha das Canárias. Entrevista concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, em 22 de Junho de 2013.

DO NASCIMENTO, Maria de Jesus, conhecida em sua comunidade por Dôdo. Pescadora aposentada, 75 anos de idade. Nascida no povoado Cal, Ilha Grande, na época município de Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Luiz Alves da Silva Junior, Pedro Vagner Silva

Oliveira, Victor da Silva Mendes e Thalita do Nascimento Souza no dia 22 de Junho de 2013.

Entrevista coletiva de pescadores concedida ao Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Identidade no dia 19 de Outubro de 2013.

FREITAS, Maria Lúcia Sousa. Pescadora, 50 anos de idade. Entrevista concedida à Daniel Falconi, José Edes Pereira Morato, Láila Daniela da Silva Santos, Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Marta da Silva Silveira, Pedro Vagner Silva Oliveira e Thalita do Nascimento Souza, Victor Silva no dia 20 de Abril de 2013.

FREITAS, Magno Cardoso de. Pescador aposentado, 81 anos. Entrevista concedida a Gabriela da Costa Braga, Pedro Vagner Silva Oliveira, Victor da Silva Mendes e Thalita Nascimento Souza no dia 30 de Maio de 2013.

REIS, João Goberto. Pescador aposentado, 53 anos. Entrevista concedida a Fabiano Santos de Sousa, Luíz Alves da Silva Junior, Pedro Vagner Silva Oliveira e Victor Mendes da Silva no dia 22 de Junho de 2013.

SANTOS, Claucio da Silva. Barqueiro, 34 anos de idade. Entrevista concedida à Fabiano Santos de Sousa, Francisca das Chagas Gomes, Flora Maria Serejo Neves Ribeiro e Marta Gouveia de Oliveira Rovai no dia 30 de Maio de 2013.

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

BITTENCOURT, Lúcia Maria. Marisqueira, 58 anos. Nascida na Ilha do Igoronho-MA, veio morar no povoado Tatus aos dois anos de idade. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 13 de Outubro de 2013.

BITTENCOURT, Francisco Antônio dos Santos. Guia turístico, 39 anos. Nascido em Parnaíba. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 10 de Novembro de 2013.

CARVALHO, Francisco Germano. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 08 de Dezembro de 2012.

DA SILVA, Manoel João. Agricultor aposentado, 76 anos. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 23 de Dezembro de 2012.

DA ROCHA, Maria de Jesus Sales, conhecida em sua comunidade por Tutu. Pescadora, 55 anos. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 16 de Junho de 2013.

DO NASCIMENTO. Francisco Pinto. Entrevista concedida a Luana Bittencourt Gomes no dia 09 de Dezembro de 2012.

DOS SANTOS, Irineudo Nascimento. Pescador, 35 anos. Nascido em Parnaíba. Entrevista concedida à Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 14 de Abril de 2014.

DOS SANTOS, Zilmar Ribeiro. Pescadora aposentada e dona de casa, 60 anos de idade, nascida no povoado Cal, município de Parnaíba-PI. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 07 de Outubro de 2013.

JORNAIS

Estrada Particular *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, 25 de Dezembro de 1979. Editorial.

O turismo é uma alternativa econômica para a região. *IN Jornal Inovação*. Março-Abril-Maio de 1985. Elmar Carvalho e Kenard Krueel.

Parnaíba: crescimento populacional *IN Jornal Inovação*. Março-Abril Maio de 1985. Batista Teles.

3º Pólo turístico nacional – A piada da década de 70 *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, 24 de Novembro de 1979. Reginaldo Costa.

Crianças da Pedra do Sal clamam por escola *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, 18 de Maio de 1979. Reginaldo Costa.

João Silva não atende a população: Morros da Mariana *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, Parnaíba. Julho de 1984.

O Piauí – Hoje: Canto do Igarapé *IN Jornal Inovação de Parnaíba*. Parnaíba, Reginaldo Costa. Dezembro de 1977.

Revolução: 12 anos de desenvolvimento *IN Folha do Litoral do Piauí*, Editorial, Parnaíba. Março de 1976

Tatus e Cal – Povoados Unidos até no Abandono *IN Jornal Inovação de Parnaíba*. Parnaíba, Reginaldo Costa, Parnaíba. Setembro de 1979.

Turismo – Incentivo ao Desenvolvimento *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, Sólina Genuína, Parnaíba. Fevereiro de 1984.

Turismo. Parnaíba: cidade que proporciona boas opções turísticas *IN Jornal Inovação de Parnaíba*, Sólina Genuína. Fevereiro-Abril de 1982.

Almanaques da Parnaíba

Divulgando: Informações sobre o Delta do Parnaíba IN *Almanaque da Parnaíba*. Edméé Rego Pires de Castro. Nº 63, 1996.

Produção pesqueira In Alternativas econômicas para Parnaíba IN *Almanaque da Parnaíba*. Francisco Pereira Filho. Nº 66. 1999.

Censo do IBGE

Censo Demografico Piauí VIII. Recenseamento Geral – 1970.Serie Regional, volume I – Tomo VI. Fundação IBGE. Rio de Janeiro – 1972.

Leis e decretos consultados

SNUC- Sistema Nacional de Unidades de Conservação. *Lei Nº 9.985/2000*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acessado em 12 de Fevereiro de 2013.

Decreto de Criação da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba. *Decreto de 28 de Agosto de 1996*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Anterior%20a%202000/1996/Dnn4368.htm. Acessado em 17 de Maio de 2013.

Decreto de Criação da Reserva Extrativista Marinha Delta do Parnaíba. *Decreto de 16 de Novembro de 2000*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/DNN9084.htm. Acessado em 03 de Março de 2013.

Decreto que Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Decreto Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acessado em 21 de Agosto de 2013.
